

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
COORDENAÇÃO DE LETRAS

RAFAELA BATISTA DE MORAIS

**REGIONALISMO NORDESTINO E PLURALIDADE LINGUÍSTICA NAS
POSTAGENS DO INFLUENCIADOR MAX PETTERSON**

TERESINA – PI

2025

RAFAELA BATISTA DE MORAIS

**REGIONALISMO NORDESTINO E PLURALIDADE LINGUÍSTICA NAS
POSTAGENS DO INFLUENCIADOR MAX PETTERSON**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do Piauí –
Campus Poeta Torquato Neto, como requisito
parcial para obtenção do grau de licenciado em
Letras Português.

Orientador: Prof^a. Dra. Ailma do Nascimento
Silva

TERESINA – PI

2025

M827r Moraes, Rafaela Batista de.

Regionalismo nordestino e pluralidade linguística nas postagens do influenciador Max Petterson / Rafaela Batista de Moraes. - 2025.

54f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em Letras Português, campus Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2025.

"Orientador: Prof^a. Dr^a. Ailma do Nascimento Silva".

1. Preconceito Linguístico. 2. Variação Regional. 3. Sotaque Nordestino. 4. Max Petterson. 5. Mídias Sociais. I. Silva, Ailma do Nascimento . II. Título.

CDD 469

RAFAELA BATISTA DE MORAIS

**REGIONALISMO NORDESTINO E PLURALIDADE LINGUÍSTICA NAS
POSTAGENS DO INFLUENCIADOR MAX PETTERSON**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do Piauí –
Campus Poeta Torquato Neto, como requisito
parcial para obtenção do grau de licenciado em
Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ailma do Nascimento
Silva

Data da aprovação: 02/07/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva
Orientadora

Profa. Dra. Nize da Rocha Santos Paraguassu Martins
Examinadora

Prof. Ma. Maria de Fátima dos Santos Barros
Examinadora

À memória de minha tia Maria de Fátima Vasconcelos.

A Max Petterson Monteiro por levar a arte, cultura, identidade e respeito da nossa região aos quatro cantos do mundo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me ajudou até aqui. Aos meus mentores espirituais, guias, orixás e cabocla Jacira que me fez ver quão forte eu sou.

Ao meu maior incentivador, parceiro, companheiro e amigo: meu esposo Juan.

À toda a minha grande família: pais, irmãos, sobrinhos, afilhados, sogros, cunhados, amigos, alunos e colegas de trabalho. Vocês fazem parte disso tudo.

Às minhas orientadoras, Profa. Dra. Ailma Nascimento, a flamenguista mais chique que conheço, e Profa. Dra. Tarcilane pela acolhida na qualificação.

A todos os mestres que me marcaram positivamente nesse percurso: Assunção, Ailma, Nize, Soraya, Fabrício, Franklin, Bruna, Denise, Norminha e meu cristalzinho acessível, que mais do que um professor foi um amigo que acolheu meus medos e angústias com palavras de incentivo e força: Francisco Renato Lima.

Aos meus amados amigos que adotei como filhos: Ceição, Crys, Ellen, Fabi, Jay, Kelvi e Lore. Obrigada por não soltarem a minha mão. Com vocês, tudo aqui tornou-se suportável. Eu amo vocês, filhos.

Às amadas Cruizinha, Pithula e Carla. Anjos encarnados.

Ao meu pai sanguíneo, Francisco Gomes de Moraes, pelo amor as letras.

A Max Petterson Monteiro, por resistir, insistir e aparecer mostrando ao mundo o orgulho de ser nordestino.

À Vitória por toda dedicação, paciência e escuta ativa dos meus anseios.

E não poderiam faltar, meus companheiros inseparáveis de estudo e estresse: Leon, Linda e Bela.

Até breve.

EPÍGRAFE

*“Ave Maria
Mãe de Deus, Jesus
Nos dê força e coragem
Pra carregar a nossa cruz.”*

*Ave Maria Sertaneja
(Luiz Gonzaga)*

RESUMO

Esta pesquisa analisa como as gírias e expressões nordestinas utilizadas pelo influenciador digital Max Petterson, em seus vídeos no YouTube, atuam como mecanismos de valorização cultural e combate ao preconceito linguístico. A linguagem regional nordestina, historicamente estigmatizada e associada a estereótipos de inferioridade, passa a ser ressignificada no ambiente digital como símbolo de identidade e resistência. O problema investigado centra-se na exclusão simbólica provocada pelo preconceito linguístico contra as variantes diatópicas nordestinas e nas possibilidades de subversão desse estigma por meio das redes sociais. O objetivo geral foi analisar de que forma a performance linguística de Max contribui para a valorização da pluralidade linguística brasileira. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, fundamentada em autores da Sociolinguística, da Análise de Discurso e dos Estudos Culturais. Foram analisados três vídeos do canal de Max Petterson e os respectivos comentários do público. A análise de conteúdo seguiu as diretrizes de Bardin (2016), identificando expressões idiomáticas recorrentes, estratégias discursivas e impactos na recepção do público. Os resultados revelam que a linguagem de Max é intencionalmente performada como ato político, gerando empatia, identificação e engajamento. A presença constante de regionalismos promove letramento sociolinguístico e afirmação identitária. Os comentários evidenciam uma comunidade virtual de apoio, que valoriza e reproduz essas expressões. Conclui-se que o uso da linguagem nordestina no YouTube, quando associado à autenticidade e ao humor, funciona como instrumento de resistência simbólica, promovendo a dignidade linguística e a diversidade cultural no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Variação regional. Sotaque nordestino. Max Petterson. Mídias sociais.

ABSTRACT

This research analyzes how northeastern Brazilian slang and expressions used by digital influencer Max Petterson on YouTube serve as mechanisms for cultural appreciation and linguistic prejudice resistance. Historically stigmatized and associated with stereotypes of inferiority, the northeastern dialect is re-signified in digital spaces as a symbol of identity and resistance. The study investigates how social media, particularly YouTube, enables the subversion of symbolic exclusion caused by linguistic prejudice. The main goal was to understand how Max's linguistic performance fosters respect for language diversity in Brazil. This is a qualitative, exploratory, and bibliographical study, grounded in Sociolinguistics, Discourse Analysis, and Cultural Studies. Three of Max Petterson's videos and their viewer comments were analyzed. Content analysis followed Bardin's (2016) framework, focusing on idiomatic expressions, discursive strategies, and audience reception. The results show that Max uses his regional language intentionally and politically, generating empathy, identification, and engagement. Recurring terms reinforce sociolinguistic awareness and cultural pride. Comments highlight a supportive virtual community that values and reproduces these expressions. It is concluded that the use of northeastern speech on YouTube, when associated with authenticity and humor, becomes a powerful tool for symbolic resistance, promoting linguistic dignity and cultural diversity in contemporary Brazil.

Keywords: Linguistic prejudice. Regional variation. Northeastern accent. Max Petterson. Social media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comentários do vídeo “O verão em Paris” (1).....	44
Figura 2 – Comentários do vídeo “O verão em Paris” (2).....	45
Figura 3 – Comentários do vídeo “Quase um dicionário nordestino” (1).....	46
Figura 4 – Comentários do vídeo “Quase um dicionário nordestino” (2).....	48
Figura 5 – Comentários do vídeo “Sotaque” (1).....	49
Figura 6 – Comentários do vídeo “Sotaque” (2).....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO DIATÓPICA NO NORDESTE BRASILEIRO..	13
2.1 Conceitos fundamentais da Sociolinguística.....	13
2.2 Preconceito linguístico e estigmatização do nordeste brasileiro.....	15
2.3 Linguagem e identidade cultural nordestina.....	19
3 MÍDIAS SOCIAIS E A LINGUAGEM REGIONAL.....	23
3.1 Youtube como espaço de diversidade linguística.....	24
3.2 Estratégias comunicativas de influenciadores nordestinos.....	27
3.3 Impacto das redes sociais na percepção da língua.....	29
4 ANÁLISE DAS EXPRESSÕES NORDESTINAS DE MAX PETTERSON.....	33
4.1 Resultados: expressões idiomáticas e regionalismos identificados.....	35
4.2 Recepção do público e impacto sociocultural.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

A língua é um fenômeno social dinâmico que manifesta a diversidade cultural e identitária de seus falantes. Sob essa perspectiva, a variação linguística diatópica, que se refere às diferenças regionais no uso da língua, desempenha um papel fundamental na constituição das identidades culturais das regiões brasileiras. Segundo Labov (1972), o estudo dessas variações permite compreender a linguagem não como um sistema homogêneo, mas como um conjunto plural e legítimo de manifestações socioculturais. Assim, analisar as peculiaridades linguísticas de diferentes regiões torna-se imprescindível para compreender as complexidades da interação social e cultural que permeiam a sociedade brasileira.

Entre as regiões brasileiras, o Nordeste é frequentemente alvo de preconceitos linguísticos, sendo o sotaque nordestino estigmatizado e frequentemente associado a estereótipos negativos. Albuquerque Júnior (2011) aponta que a representação midiática dos nordestinos reforça estereótipos de atraso e subalternidade, perpetuando a ideia de que o linguajar regional seria inferior à norma culta. Essa construção discursiva ignora a riqueza cultural da linguagem nordestina e contribui para o silenciamento de vozes regionais em contextos formais e midiáticos.

Entretanto, a emergência das mídias sociais, em especial plataformas como YouTube, vem proporcionando novos espaços para a valorização da diversidade linguística regional. Influenciadores digitais, como Max Petterson, utilizam estrategicamente suas variantes linguísticas locais para fortalecer a identidade regional e combater preconceitos históricos. De acordo com Reisa (2023), esse fenômeno representa uma transformação importante no cenário comunicacional brasileiro, uma vez que redes sociais permitem que falantes regionais exponham sua linguagem com autenticidade, promovendo uma maior aceitação das diferenças linguísticas.

Além disso, as estratégias comunicativas adotadas por influenciadores nordestinos contribuem diretamente para a desconstrução dos estigmas sociais e linguísticos associados à região. Ao explorar recursos como humor, ironia e *storytelling*, esses produtores de conteúdo desafiam normas linguísticas tradicionais e estabelecem conexões afetivas com seu público. Conforme Oliveira (2021), essas práticas comunicativas operam como ferramentas de resistência simbólica, fortalecendo a autoestima linguística dos nordestinos e ampliando a visibilidade positiva de suas manifestações culturais na esfera digital.

Nesse sentido, esta pesquisa se justifica pela relevância social e acadêmica do

combate ao preconceito linguístico, especialmente contra as variações linguísticas nordestinas. Considerando que as representações pejorativas têm impactos diretos na autoestima e nas oportunidades sociais e profissionais dos falantes, investigar como as expressões regionais podem contribuir para uma valorização positiva da identidade cultural nordestina torna-se essencial. Além disso, esta pesquisa é motivada pelo interesse pessoal e acadêmico desta autora, que, ao reconhecer e valorizar suas raízes nordestinas, busca contribuir para uma reflexão crítica acerca da diversidade linguística brasileira.

Parte-se, então, da hipótese de que o uso das gírias e expressões nordestinas pelo influenciador Max Petterson, em seu canal no YouTube, desempenha um papel significativo no combate ao preconceito linguístico, promovendo uma maior valorização e respeito à diversidade linguística regional. Supõe-se que essas estratégias linguísticas contribuem para a formação de uma comunidade virtual de acolhimento, capaz de romper com representações estigmatizantes, legitimando o falar nordestino no contexto digital contemporâneo.

Diante disso, o propósito central desta pesquisa busca entender de que forma as gírias e expressões nordestinas utilizadas por Max Petterson em suas postagens na plataforma digital YouTube colaboram como mecanismos eficazes para combater o preconceito linguístico e promover o respeito à pluralidade da língua. Pretende-se, portanto, compreender como essas práticas linguísticas podem impactar positivamente a percepção pública sobre as variantes regionais, gerando uma maior conscientização sociolinguística na audiência.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é analisar como o uso das gírias e expressões nordestinas nas falas do influenciador Max Petterson contribui para a valorização cultural, o combate ao preconceito linguístico e o respeito à pluralidade da língua materna, evidenciando a relevância dessas práticas na afirmação da identidade nordestina. Para tanto, definem-se como objetivos específicos: descrever a variação diatópica presente nas falas do influenciador; compreender os processos comunicativos envolvidos nas expressões regionais utilizadas por Petterson em recortes selecionados de seus vídeos no YouTube; e identificar e categorizar as gírias e expressões nordestinas mais recorrentes em seu discurso.

Metodologicamente, optou-se por uma pesquisa bibliográfica e exploratória, de natureza qualitativa, utilizando-se como corpus recortes de vídeos publicados pelo influenciador Max Petterson em seu canal do YouTube. A análise foi pautada em referenciais sociolinguísticos, especialmente voltados para a identificação e interpretação das expressões idiomáticas e regionalismos mais frequentes, visando verificar como tais

usos linguísticos impactam a recepção do público e contribuem para o fortalecimento da identidade cultural nordestina.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos, que se articulam teoricamente e analiticamente para compreender o fenômeno da variação linguística nordestina, especialmente a partir do discurso do influenciador Max Petterson. O Capítulo 1 dedica-se a estabelecer os fundamentos teóricos da Sociolinguística, com ênfase na variação diatópica no Nordeste brasileiro. Parte-se de como o preconceito linguístico opera como um instrumento de exclusão social. São exploradas as categorias sociolinguísticas diatópica, diastrática, diafásica e diacrônica, além da forma como o Nordeste brasileiro foi historicamente estigmatizado através da linguagem.

No Capítulo 2, o foco recai sobre o papel das mídias sociais como espaços de visibilidade e valorização da linguagem regional. Parte-se do pressuposto de que as plataformas digitais, como o YouTube, contribuem para a reconstrução das percepções sociais sobre a língua, desestabilizando o monopólio da norma padrão e abrindo espaço para a circulação de variantes linguísticas antes marginalizadas. Nesse sentido, são analisadas as estratégias discursivas de influenciadores nordestinos, em especial a performance de Max Petterson, que transforma seu sotaque, vocabulário e ritmo de fala em marcas estilísticas e identitárias. O capítulo também discute o impacto pedagógico e afetivo dessas performances, que operam como atos políticos de resistência e afirmação cultural diante do preconceito linguístico.

Por fim, o Capítulo 3 apresenta a análise empírica dos vídeos de Max Petterson e de seus comentários, a partir de uma metodologia qualitativa baseada na análise de conteúdo de Bardin (2016) e nos pressupostos sociolinguísticos. São examinadas as expressões idiomáticas e os regionalismos presentes nos vídeos selecionados, bem como a recepção do público, evidenciada nos comentários. A análise revela que a linguagem utilizada por Max não apenas gera humor e identificação, mas também promove letramento sociolinguístico, conscientização e orgulho identitário. Dessa forma, o capítulo evidencia que o uso intencional da linguagem regionalizada nas mídias sociais pode funcionar como prática de resistência, performance afetiva e mecanismo de valorização da diversidade linguística brasileira.

2 SOCIOLINGÜÍSTICA E VARIAÇÃO DIATÓPICA NO NORDESTE BRASILEIRO

O capítulo tratará dos conceitos fundamentais da Sociolinguística de Labov (1972) e sua a teoria da variação e mudança, bem como as implicações do preconceito linguístico, baseado nos estudos de Bagno (2008) e Ilari e Basso (2006), com destaque para o falar nordestino, a partir de fragmentos de vídeos do youtuber Max Petterson e sua defesa sobre a oralidade como identidade cultural de um povo.

Ademais, trataremos da imagem estereotipada da região Nordeste construída desde o início do século XX por discursos políticos, sociais e culturais, usando a obra de Alburquerque Jr. (2018) para corroborar os fatos.

2.1 Conceitos fundamentais da Sociolinguística

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística que estuda a relação entre os aspectos sociais e o uso da língua. Sua principal premissa é que não há uma forma única, fixa e imutável de falar, mas sim múltiplas variações influenciadas por fatores como classe social, faixa etária, etnia, gênero, escolaridade e região geográfica. A língua é, portanto, um fenômeno dinâmico e heterogêneo. Segundo Coelho et al. (2010), a Sociolinguística parte da observação empírica da linguagem tal como é utilizada cotidianamente, rompendo com modelos teóricos que a consideravam um sistema ideal e homogêneo.

O nascimento da Sociolinguística como campo teórico consolidado ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, especialmente com os estudos do linguista norte-americano William Labov. Ao realizar pesquisas em comunidades reais, Labov demonstrou que a variação linguística não é fruto do acaso, mas segue padrões que podem ser analisados estatisticamente. Em suas próprias palavras, defende que:

A variação linguística está sujeita a princípios estruturais e sociais que podem ser observados e medidos. Os falantes não variam aleatoriamente, mas de maneira sistemática, conforme fatores sociais claramente identificáveis (Labov, 2008, p. 47).

Essas investigações foram fundamentais para provar que a linguagem varia conforme o contexto social e a identidade dos falantes (Labov, 2008).

A ruptura da Sociolinguística com as tradições anteriores, como o estruturalismo de Saussure e o gerativismo de Chomsky, foi marcada pela ênfase no uso efetivo da língua. Enquanto Saussure via a língua como um sistema abstrato de signos; Chomsky propôs a existência de uma competência linguística inata, entretanto ambos ignoravam as influências do meio social no uso da língua. Labov, entretanto, argumentava que não existe um “falante

ideal”, pois todos os sujeitos se comunicam a partir de suas experiências e inserções sociais (Bagno, 2007).

A partir dessa perspectiva, a variação linguística passa a ser valorizada como objeto legítimo de estudo, não sendo tratada como erro ou falha, mas como manifestações naturais da diversidade humana. Como observa Araújo (2019), a variação é uma característica intrínseca da linguagem, revelando as relações de poder, identidade e pertencimento entre os indivíduos. Assim, a linguagem torna-se um espelho da sociedade e um espaço de disputa simbólica.

A Sociolinguística, nesse sentido, se propõe a analisar como essas variações ocorrem e quais significados elas carregam. A linguagem não é neutra: ela está carregada de valores sociais e culturais. Silva (2022, p. 58) destaca que "cada forma de falar representa uma escolha, uma posição, uma identidade". E justamente por isso, diferentes formas de falar geram julgamentos e classificações que nem sempre têm base linguística, mas sim social e ideológica.

A Sociolinguística utiliza quatro categorias principais para entender melhor essas variações: variação diatópica (regional), diastrática (social), diafásica (situacional) e diacrônica (histórica). A variação diatópica refere-se às diferenças linguísticas causadas pela localização geográfica dos falantes, como o sotaque nordestino ou o vocabulário típico do sul do Brasil (Coelho et al., 2010). A língua, nesse caso, adapta-se ao território e reflete os traços culturais locais.

Sobre a variação diastrática, Santana Lima (2022, p. 18) enfatiza que "essas diferenças servem frequentemente como marcadores sociais de prestígio e distinção". O modo como alguém fala pode estar diretamente ligado ao seu nível de escolaridade, profissão ou classe social, marcando distinções de status e prestígio.

Já a variação diafásica depende da situação comunicativa. Um mesmo falante pode utilizar registros diferentes conforme o ambiente em que se encontra. Coelho et al. (2010) apontam que essa capacidade de adequação constitui a competência comunicativa, sendo central para os estudos sociolinguísticos.

Por fim, a variação diacrônica diz respeito às mudanças que ocorrem ao longo do tempo na língua. Palavras e expressões comuns no passado podem cair em desuso ou adquirir novos significados. Oliveira et al. (2022) destacam que "a própria norma padrão passa por transformações históricas, revelando que nenhuma língua é estática" (p. 34).

Outro aspecto relevante é a noção de preconceito linguístico, que Bagno define de forma crítica:

O preconceito linguístico é, na verdade, um preconceito social. Quando discriminamos alguém por seu modo de falar, estamos discriminando sua identidade social, sua classe, sua cultura e sua história (Bagno, 2007, p. 35).

Dessa forma, o preconceito linguístico refere-se à desvalorização de determinadas formas de falar associadas a grupos sociais menos favorecidos, fenômeno amplamente naturalizado na sociedade brasileira (Silva; Silva, 2024).

A identidade linguística é outro ponto-chave da Sociolinguística. Ela refere-se à forma como o sujeito se reconhece e é reconhecido socialmente por meio da linguagem. O modo de falar revela filiações culturais, trajetórias pessoais e posicionamentos ideológicos. Estudar a linguagem significa também analisar formas de pertencimento e exclusão social (Oliveira, 2021).

Esses conceitos fundamentais fornecem as bases teóricas indispensáveis para analisar fenômenos como o preconceito linguístico, a pluralidade linguística e as disputas por reconhecimento identitário no espaço da linguagem. Compreender tais conceitos é essencial para analisar práticas linguísticas em sua complexidade e relevância social.

Com base nos pressupostos discutidos nesta seção, observa-se que a Sociolinguística propõe uma visão ampla e inclusiva da linguagem, reconhecendo a diversidade linguística como reflexo das dinâmicas sociais e culturais que permeiam a vida dos falantes. Ao romper com modelos prescritivistas e idealizados, essa vertente da Linguística evidencia que a variação linguística é natural, legítima e estruturada, além de profundamente conectada às questões de identidade, poder e pertencimento.

Nesse contexto, compreender os mecanismos que sustentam tais variações, bem como os preconceitos que delas derivam, torna-se fundamental não apenas para a descrição do fenômeno linguístico, mas também para o enfrentamento das desigualdades simbólicas e sociais perpetuadas pelo discurso normativo. A seguir, essa discussão será aprofundada com foco específico no Preconceito linguístico e estigmatização do Nordeste brasileiro.

2.2 Preconceito linguístico e estigmatização do nordeste brasileiro

O preconceito linguístico constitui uma das formas mais recorrentes e invisibilizadas de discriminação no Brasil. Trata-se do julgamento pejorativo sobre maneiras distintas de se expressar oralmente ou por escrito, especialmente quando essas formas não coincidem com a norma culta ou padrão estabelecida pelas elites letradas. Segundo Bagno (2007), esse tipo de preconceito não se refere a aspectos linguísticos, mas sociais, já que a avaliação negativa recai

sempre sobre falantes de grupos historicamente marginalizados.

Entre as populações mais atingidas por esse fenômeno estão os nordestinos, cujas formas de fala são frequentemente objeto de escárnio, imitação caricatural e inferiorização. A estigmatização do modo de falar do Nordeste brasileiro não é apenas uma crítica à pronúncia ou vocabulário, mas um ataque simbólico a toda uma identidade cultural regional. Albuquerque Júnior (2011) destaca que o “Nordeste” foi inventado discursivamente como espaço de atraso, ignorância e rusticidade, e o modo de falar passou a ser uma das marcas principais dessa construção.

A língua, nesse contexto, não funciona apenas como instrumento de comunicação, mas como marcador de identidade e pertencimento. O modo de falar nordestino é portador de memórias, histórias e sentidos compartilhados que, ao serem deslegitimados, implicam também na desvalorização do sujeito. Isso evidencia que o preconceito linguístico, especialmente em relação aos nordestinos, é uma forma de violência simbólica e cultural (Santos et al., 2020).

Essa violência simbólica se manifesta com frequência nas mídias sociais, nas quais o sotaque e o vocabulário regional são expostos de maneira jocosa, muitas vezes reduzindo o nordestino a um estereótipo cômico ou subalterno. Como analisam Silva e Silva (2024), esse processo combina xenofobia e preconceito linguístico, tornando o falar do Nordeste alvo de ataques que ultrapassam o campo da linguagem e adentram o território da intolerância social.

A estigmatização da fala nordestina não ocorre de forma isolada, mas faz parte de um sistema maior de exclusões estruturais. A linguagem torna-se, nesse caso, o pretexto para a manutenção de desigualdades regionais e a perpetuação de hierarquias sociais. Freitas (2021) observa que o preconceito linguístico opera como um instrumento silencioso, mas poderoso, de reprodução da marginalização.

No ambiente escolar, os impactos do preconceito linguístico são especialmente severos. Alunos nordestinos ou oriundos de comunidades periféricas são muitas vezes ridicularizados por sua forma de falar, levando-os a desenvolver vergonha de sua identidade linguística. Isso resulta em silenciamento, evasão e dificuldades de aprendizagem. Para Freitas (2021), é fundamental que o espaço escolar valorize a diversidade linguística como potência pedagógica e cultural.

As análises da Sociolinguística evidenciam que todas as variantes linguísticas possuem regras internas e coerência funcional. O modo de falar do nordestino, com suas particularidades fonológicas, sintáticas e lexicais, não é menos complexo ou expressivo do que o português padrão. O problema não está na língua, mas na ideologia que sustenta a

crença em uma forma única e superior de falar (Coelho et al., 2010).

A noção de erro, é resultado de uma concepção ordenada da linguagem. Como aponta Bagno (2007), não existem erros linguísticos fora de uma perspectiva normativa; existem, sim, variações que refletem contextos socioculturais distintos. A estigmatização do falar nordestino é, assim, uma construção social e política.

Autores como José Mariano Cavalcante Silva (2022) reforçam que o preconceito linguístico se associa a outros marcadores de exclusão, como classe, raça e território. Nesse sentido, desqualificar o modo de falar nordestino é também desqualificar o lugar social ocupado por seus falantes, o que evidencia a interseccionalidade das discriminações linguísticas com outros tipos de opressão.

A construção midiática do Nordeste como um espaço subalterno contribui significativamente para a propagação do preconceito linguístico. Nas novelas, humorísticos e programas jornalísticos, é comum ver personagens nordestinos associados à ignorância, ingenuidade ou comicidade. Essa representação reforça imaginários sociais que naturalizam a inferiorização dos sujeitos nordestinos (Santos et al., 2020). Além do que, existe erroneamente uma unificação do sotaque nordestino como sendo o mesmo em toda região, não levando em conta que há nove estados que a compõem, cada qual com suas particularidades linguísticas.

Além das mídias tradicionais, as plataformas digitais também têm desempenhado papel central na reprodução desses estereótipos. Como destacam Silva e Silva (2024), os discursos preconceituosos ganham força nas redes, muitas vezes mascarados de humor ou “opinião pessoal”, o que dificulta o enfrentamento direto dessas manifestações e contribui para sua naturalização social.

O preconceito linguístico não se combate apenas com gramáticas e regras, mas com educação crítica e valorização da diversidade. No contexto do ensino de Língua Portuguesa, é preciso introduzir o debate sobre variações linguísticas como forma de construção identitária e cidadã. O professor deve ser mediador de uma escuta respeitosa e promotora da dignidade dos falares diversos (Reisa, 2023).

A presença de traços linguísticos regionais nas práticas orais e escritas dos estudantes não deve ser vista como obstáculo, mas como ponto de partida para a ampliação de repertórios e construção de competências plurais. Oliveira et al. (2022) sugerem que o ensino da norma padrão precisa ser reposicionado: não como substituição de variantes populares, mas como ampliação de possibilidades comunicativas.

A visibilidade das variantes nordestinas na literatura, na música e na oralidade

cotidiana representa uma forma de resistência cultural e afirmação identitária. Ao reconhecer a legitimidade desses modos de falar, rompe-se com a ideia de que só há uma forma “certa” de usar a língua. Essa desconstrução é essencial para combater o preconceito linguístico em sua raiz ideológica (Bagno, 2009).

A Sociolinguística contribui, assim, com a desnaturalização de práticas excludentes que se escondem sob o manto da “correção linguística”. Ao demonstrar que todas as variantes são regidas por regras próprias e funcionam plenamente dentro de seus contextos, essa área do saber se torna um instrumento de justiça linguística e social (Araújo, 2019).

O vocabulário nordestino, tão rico em expressões, regionalismos e construções metafóricas, reflete a criatividade e o dinamismo das culturas locais. No entanto, é frequentemente reduzido à condição de “linguajar inferior” por aqueles que desconhecem sua estrutura e valor simbólico. Essa visão etnocêntrica impede o reconhecimento da complexidade da língua falada no Brasil (Ilari; Basso, 2014).

É fundamental compreender que o preconceito linguístico também tem impactos materiais. Ele afeta oportunidades de emprego, acesso a espaços de poder, credibilidade profissional e até mesmo a autoestima de quem sofre com ele. Como analisa Cruz (2024), o modo de falar se torna um capital simbólico que, em muitos casos, define as chances de inserção social.

A estigmatização dos falares nordestinos, nesse sentido, impede que milhões de brasileiros se expressem com liberdade e autenticidade. A repressão da linguagem regional não é apenas um problema gramatical, mas um obstáculo à construção da cidadania plena. Respeitar a diversidade linguística é, portanto, respeitar o direito à existência e à expressão (Silva; Silva, 2024).

O estudo das variantes diatópicas, como aquelas presentes em comunidades baianas, evidencia que as transformações na língua são naturais e esperadas. A pesquisa de Santos e Mota (2020), por exemplo, mostra que mesmo dentro de uma mesma região ocorrem variações marcadas por fatores históricos, migratórios e socioculturais, o que reforça a complexidade da língua portuguesa falada no Brasil.

Segundo De Santana Lima (2022), migrantes internos que se deslocam do Nordeste para outras regiões do país sofrem um duplo processo de exclusão: por sua origem geográfica e por sua forma de falar. O enfrentamento dessa exclusão demanda políticas públicas de inclusão, mas também mudanças culturais profundas, que comecem pela valorização da pluralidade linguística.

A invisibilização da diversidade linguística brasileira é uma forma de apagamento

cultural. Ao impor a norma padrão como única forma legítima de comunicação, nega-se a história, a memória e a identidade de povos inteiros. Essa imposição linguística é um dos mecanismos mais sutis e eficazes de dominação simbólica (Albuquerque Júnior, 2011).

Os Anais do VII Seminário de Geossociolinguística (2019) trazem importantes contribuições sobre os diferentes modos de falar no Brasil e evidenciam a urgência de um mapeamento sistemático da diversidade linguística nacional. Conhecer essa pluralidade é o primeiro passo para reconhecer que o português brasileiro não é único, mas múltiplo e vivo.

Portanto, o combate ao preconceito linguístico e a estigmatização do Nordeste brasileiro exige uma mudança de paradigmas. Trata-se de superar o olhar normativo e adotar uma perspectiva ética e política da linguagem. Isso envolve formação docente crítica, produção de materiais inclusivos e políticas educacionais que reconheçam e valorizem a diversidade linguística nacional.

Reconhecer a legitimidade da fala nordestina é, antes de tudo, reconhecer a dignidade de seus falantes. A linguagem não é neutra, e o modo como nos referimos aos outros revela as estruturas de poder que sustentamos. A superação do preconceito linguístico passa pelo respeito, pela escuta e pelo compromisso com a justiça social (Bagno, 2007).

Dessa forma, o preconceito linguístico direcionado aos falares nordestinos revela-se como uma manifestação enraizada de exclusão social, que ultrapassa a esfera da linguagem e se articula com processos históricos de marginalização e hierarquização regional. Ao deslegitimar a fala do Nordeste, não se ataca apenas uma variedade linguística, mas toda uma cultura, identidade e história coletiva. A Sociolinguística, ao evidenciar a legitimidade das variações diatópicas e a estrutura própria de todas as formas de fala, torna-se um instrumento fundamental na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma educação linguística mais justa, plural e inclusiva. Reconhecer e valorizar o modo de falar nordestino é, portanto, um gesto de resistência e de afirmação cultural frente a um sistema que historicamente nega a diversidade linguística brasileira.

2.3 Linguagem e identidade cultural nordestina

O preconceito linguístico constitui uma das formas mais recorrentes e invisibilizadas de discriminação no Brasil. Trata-se do julgamento pejorativo sobre maneiras distintas de se expressar oralmente ou por escrito, especialmente quando essas formas não coincidem com a norma culta ou padrão estabelecida pelas elites letradas. Segundo Bagno (2007, p. 32), esse tipo de preconceito "não tem origem em aspectos linguísticos, mas sim em fatores sociais e

históricos, refletindo desigualdades estruturais na sociedade brasileira."

Entre as populações mais atingidas por esse fenômeno estão os nordestinos, cujas formas de fala são frequentemente objeto de escárnio, imitação caricatural e inferiorização. A estigmatização do modo de falar do Nordeste brasileiro não é apenas uma crítica à pronúncia ou vocabulário, mas um ataque simbólico a toda uma identidade cultural regional. Albuquerque Júnior (2011, p. 89) destaca que o "Nordeste foi inventado discursivamente como espaço de atraso, ignorância e rusticidade", e o modo de falar passou a ser uma das marcas principais dessa construção.

A língua, nesse contexto, não funciona apenas como instrumento de comunicação, mas como marcador de identidade e pertencimento. O modo de falar nordestino é portador de memórias, histórias e sentidos compartilhados que, ao serem deslegitimados, implicam também na desvalorização do sujeito. Isso evidencia que o preconceito linguístico, especialmente em relação aos nordestinos, é uma forma de violência simbólica e cultural (Santos et al., 2020).

Essa violência simbólica se manifesta com frequência nas mídias sociais, nas quais o sotaque e o vocabulário regional são expostos de maneira jocosa, muitas vezes reduzindo o nordestino a um estereótipo cômico ou subalterno. Como analisam Silva e Silva (2024, p. 67), "esse processo combina xenofobia e preconceito linguístico, tornando o falar do Nordeste alvo de ataques que ultrapassam o campo da linguagem e adentram o território da intolerância social."

A estigmatização da fala nordestina não ocorre de forma isolada, mas faz parte de um sistema maior de exclusões estruturais. A linguagem torna-se, nesse caso, o pretexto para a manutenção de desigualdades regionais e a perpetuação de hierarquias sociais. Freitas (2021, p. 48) observa que o preconceito linguístico "opera como um instrumento silencioso, mas poderoso, de reprodução da marginalização e exclusão social."

No ambiente escolar, os impactos do preconceito linguístico são especialmente severos. Alunos nordestinos ou oriundos de comunidades periféricas são muitas vezes ridicularizados por sua forma de falar, levando-os a desenvolver vergonha de sua identidade linguística. Isso resulta em silenciamento, evasão e dificuldades de aprendizagem. Sobre isso, Freitas destaca:

O espaço escolar deve se constituir como lugar de valorização da diversidade linguística e cultural, promovendo uma educação linguística crítica e emancipadora, capaz de enfrentar o preconceito linguístico e seus efeitos danosos sobre a autoestima e o aprendizado dos estudantes (Freitas, 2021, p. 54).

As análises da Sociolinguística evidenciam que todas as variantes linguísticas possuem regras internas e coerência funcional. O modo de falar do nordestino, com suas particularidades fonológicas, sintáticas e lexicais, não é menos complexo ou expressivo do que o português padrão. O problema não está na língua, mas na ideologia que sustenta a crença em uma forma única e superior de falar. Como ressalta Coelho et al. (2010, p. 79) “A noção de erro linguístico só faz sentido em uma perspectiva prescritivista e normativa; as variantes populares são sistemáticas e funcionais dentro de seus contextos sociais e culturais”.

Autores como José Mariano Cavalcante Silva (2022, p. 45) reforçam que o preconceito linguístico "se associa a outros marcadores de exclusão, como classe, raça e território". Nesse sentido, desqualificar o modo de falar nordestino é também desqualificar o lugar social ocupado por seus falantes, o que evidencia a interseccionalidade das discriminações linguísticas com outros tipos de opressão.

A construção midiática do Nordeste como um espaço subalterno contribui significativamente para a propagação do preconceito linguístico. Nas novelas, humorísticos e programas jornalísticos, é comum ver personagens nordestinos associados à ignorância, ingenuidade ou comicidade. Essa representação reforça imaginários sociais que naturalizam a inferiorização dos sujeitos nordestinos (Santos et al., 2020).

Além das mídias tradicionais, as plataformas digitais também têm desempenhado papel central na reprodução desses estereótipos. Como destacam Silva e Silva:

Os discursos preconceituosos ganham força nas redes sociais, frequentemente disfarçados de humor ou opinião pessoal, dificultando o combate direto dessas manifestações e reforçando a naturalização social desse tipo de discriminação (Silva e Silva, 2024, p. 72).

O preconceito linguístico não se combate apenas com gramáticas e regras, mas com educação crítica e valorização da diversidade. No contexto do ensino de Língua Portuguesa, é preciso introduzir o debate sobre variações linguísticas como forma de construção identitária e cidadã. O professor deve ser mediador de uma escuta respeitosa e promotora da dignidade dos falares diversos (Reisa, 2023).

A visibilidade das variantes nordestinas na literatura, na música e na oralidade cotidiana representa uma forma de resistência cultural e afirmação identitária. Ao reconhecer a legitimidade desses modos de falar, rompe-se com a ideia de que só há uma forma "certa" de usar a língua. Essa desconstrução é essencial para combater o preconceito linguístico em sua raiz ideológica. Nesse sentido, Bagno afirma:

A valorização das variantes linguísticas regionais não significa o abandono da norma

padrão, mas sim a ampliação dos repertórios comunicativos e culturais, permitindo aos falantes exercer sua cidadania linguística plena (Bagno, 2009, P. 75).

Portanto, o combate ao preconceito linguístico e à estigmatização do Nordeste brasileiro exige uma mudança de paradigmas. Trata-se de superar o olhar normativo e adotar uma perspectiva ética e política da linguagem. Isso envolve formação docente crítica, produção de materiais inclusivos e políticas educacionais que reconheçam e valorizem a diversidade linguística nacional.

Reconhecer a legitimidade da fala nordestina é, antes de tudo, reconhecer a dignidade de seus falantes. A linguagem não é neutra, e o modo como nos referimos aos outros revela as estruturas de poder que sustentamos. A superação do preconceito linguístico passa pelo respeito, pela escuta e pelo compromisso com a justiça social (Bagno, 2007, p. 98).

Observa-se, portanto, que a linguagem, ao refletir práticas sociais, identidades e disputas simbólicas, desempenha papel central na constituição das relações de poder e na produção de estigmas culturais. A estigmatização do falar nordestino, longe de ser um fenômeno isolado, insere-se em um contexto mais amplo de desigualdades estruturais e exclusões históricas que utilizam a língua como instrumento de dominação simbólica. A Sociolinguística, ao romper com visões normativas e elitistas da linguagem, oferece subsídios teóricos e metodológicos para desnaturalizar esses processos e promover uma educação linguística mais justa, inclusiva e respeitosa. Valorizar a diversidade dos falares regionais não significa rejeitar a norma padrão, mas sim reconhecer a legitimidade de todas as formas de expressão como parte integrante da riqueza cultural brasileira. Dando continuidade a essa reflexão, o próximo capítulo abordará como as mídias sociais contemporâneas participam da construção e também da desconstrução dos estigmas linguísticos regionais, com ênfase no papel que desempenham na visibilidade da linguagem nordestina no espaço digital.

3 MÍDIAS SOCIAIS E A LINGUAGEM REGIONAL

O avanço das tecnologias digitais e a popularização das redes sociais inauguraram novas possibilidades para o uso da linguagem e, com isso, para a afirmação de identidades regionais que antes ocupavam lugar periférico nos meios de comunicação tradicionais. Nesse ambiente digital, práticas linguísticas antes marginalizadas, como as variantes nordestinas do português, passaram a ocupar espaços de visibilidade, permitindo a produção de discursos que desafiam os padrões normativos e ressignificam o valor social das variedades não hegemônicas. Como observa Bagno (2007), a internet tem contribuído para o deslocamento da autoridade linguística, permitindo que novos sujeitos ocupem lugares de fala com suas próprias vozes e sotaques.

Nesse contexto, as mídias digitais atuam como arenas simbólicas onde se articulam disputas por reconhecimento cultural e linguístico. As plataformas de vídeo, especialmente, oferecem aos sujeitos nordestinos a oportunidade de construir narrativas próprias, baseadas em experiências locais e repertórios linguísticos autênticos. A linguagem passa a ser não apenas uma ferramenta de comunicação, mas um recurso de performance identitária, com alto potencial de conexão emocional e afetiva com os públicos. Essa dinâmica permite que variantes linguísticas regionais sejam não só preservadas, mas também politizadas como expressão de resistência e pertencimento (Silva; Silva, 2024; Oliveira, 2021).

A exposição constante de conteúdos produzidos por falantes nordestinos nos ambientes digitais favorece a reconfiguração dos estigmas historicamente associados ao seu modo de falar. Por meio da repetição, da ironia e da criatividade discursiva, o léxico regional passa a circular de maneira estratégica, tensionando os limites entre o “correto” e o “autêntico” no uso da língua. Essa ressignificação simbólica da linguagem regional opera tanto na esfera do humor quanto na do discurso político, assumindo um papel relevante na luta contra o preconceito linguístico e pela valorização da pluralidade cultural (Reisa, 2023; Albuquerque Jr., 2011).

A forma como a linguagem é moldada, consumida e interpretada nas redes sociais também influencia diretamente a maneira como os falantes percebem o próprio repertório linguístico. Se, por um lado, ainda persistem ataques e discriminações veladas contra as formas não padronizadas de falar, por outro, os ambientes digitais se tornaram importantes espaços de reconstrução de autoestima linguística e de legitimação das identidades regionais. Como afirmam Freitas (2021) e Silva (2022), a valorização da língua falada por comunidades marginalizadas é um passo fundamental para a promoção de uma sociedade mais justa e

plural.

Dessa forma, este capítulo propõe uma reflexão crítica sobre o papel das redes sociais na circulação e recepção das variantes linguísticas nordestinas, considerando as implicações simbólicas, políticas e educacionais desse fenômeno. Ao articular a análise do discurso digital com os fundamentos da Sociolinguística, busca-se compreender como os falantes se apropriam das mídias para reverter estigmas e consolidar novas formas de visibilidade cultural. A linguagem regional, nesse contexto, deixa de ser apenas um traço periférico para se tornar uma ferramenta de agência social e afirmação identitária (Cruz, 2024; Labov, 2008).

3.1 *Youtube* como espaço de diversidade linguística

A plataforma YouTube se consolidou como uma das principais mídias sociais contemporâneas, permitindo que sujeitos de diferentes regiões, origens sociais e repertórios culturais se expressem de forma autêntica e sem a mediação de veículos tradicionais. Esse espaço virtual tem favorecido a emergência de vozes antes marginalizadas, inclusive aquelas marcadas por variações linguísticas regionais, como é o caso do português nordestino. No cenário digital, a linguagem deixa de estar restrita à norma padrão e passa a ser valorizada em sua pluralidade, estabelecendo novas relações de poder e pertencimento no uso da língua (Reisa, 2023; Coelho et al., 2010).

O YouTube permite que a oralidade ganhe destaque na construção de narrativas pessoais e coletivas. Por ser uma plataforma baseada em vídeos, o discurso falado se torna o principal recurso comunicativo, o que favorece o uso espontâneo de variantes regionais e populares da língua portuguesa. Isso representa uma ruptura significativa com a tradição escrita formal e padronizada, que durante séculos dominou os espaços de prestígio social. Marcuschi (2007, p. 56) reforça que "a valorização da fala cotidiana contribui decisivamente para a legitimação de identidades linguísticas historicamente invisibilizadas."

Nesse contexto, influenciadores digitais nordestinos têm ocupado lugar de destaque ao assumirem sua linguagem regional sem recorrer à adaptação forçada à norma culta. Muitos desses criadores de conteúdo utilizam o sotaque, o léxico e as expressões típicas do Nordeste como marcas estilísticas, desafiando os preconceitos linguísticos amplamente difundidos no Brasil. Oliveira (2021, p. 73) destaca que essa postura "transforma o YouTube em espaço de resistência simbólica e reconfiguração do que é considerado legítimo em termos de comunicação."

A visibilidade da linguagem regional nas mídias digitais tem gerado impactos

significativos na percepção pública sobre a língua. Termos antes tidos como “errados” ou “feios” passam a ser naturalizados e até celebrados quando apresentados em contextos de humor, crítica social ou cultura popular. Freitas (2021, p. 49) argumenta que:

Quando palavras e expressões regionais ganham visibilidade e reconhecimento positivo nas redes, ocorre uma ressignificação do que é considerado correto ou aceitável, promovendo uma ampliação das possibilidades comunicativas e questionando as normas linguísticas vigentes.

A liberdade discursiva oferecida pelo YouTube permite que influenciadores se expressem sem as amarras institucionais que caracterizam outros meios de comunicação. Essa autonomia fomenta a autenticidade e aproxima os produtores de conteúdo de seus públicos, especialmente aqueles que se veem representados na linguagem utilizada. Para os espectadores nordestinos, ouvir alguém que fala “como a gente” pode gerar um forte sentimento de identificação e pertencimento, reforçando vínculos comunitários mediados pela linguagem (Santos et al., 2020).

A presença marcante de regionalismos no conteúdo audiovisual da plataforma também estimula a curiosidade de usuários de outras regiões, contribuindo para a circulação e valorização de expressões locais em escala nacional. Essa troca simbólica favorece o reconhecimento da diversidade linguística brasileira, promovendo um contato intercultural que pode ser formativo tanto para quem produz quanto para quem consome os vídeos (Santana Lima, 2022; Ilari; Basso, 2014).

Entretanto, essa visibilidade também traz desafios. Muitos influenciadores que usam o português regional enfrentam discursos de ódio, comentários xenofóbicos e tentativas de silenciamento nas seções de comentários ou em outras redes sociais. O preconceito linguístico se atualiza nas mídias digitais, demonstrando que, embora o espaço seja de maior liberdade, ele ainda reflete estruturas sociais excludentes e hierarquizadoras. Bagno (2009, p. 85) ressalta que "atuar nesses espaços exige uma postura crítica e politizada frente às violências linguísticas sofridas diariamente."

Apesar disso, muitos criadores resistem aos ataques e fazem da linguagem um campo de disputa simbólica, utilizando ironia, humor e criatividade para desconstruir os estigmas associados ao seu modo de falar. Esse enfrentamento discursivo é uma forma de empoderamento que desloca a linguagem do lugar de vergonha para o de orgulho. Ao se apropriar do próprio sotaque e vocabulário, os sujeitos reafirmam sua identidade regional e enfrentam as tentativas de padronização linguística (Reisa, 2023; Cruz, 2024).

O YouTube, nesse sentido, pode ser compreendido como um território de

performatividade linguística, no qual os sujeitos constroem suas identidades a partir do modo como falam. Labov (2008, p. 37) defende que "a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um ato performativo carregado de significado social e cultural."

Para além da identidade, o uso do português regional nas mídias digitais também tem contribuído para a valorização de práticas culturais locais. Ao se expressarem com vocabulário regional, os influenciadores promovem manifestações culturais, referências históricas e modos de vida característicos de suas comunidades. Assim, o YouTube não apenas divulga a linguagem, mas também atua como vetor de preservação da cultura imaterial nordestina (Albuquerque Jr., 2011; Sousa; Lima, 2019).

Outro ponto relevante é a pedagogia que se constrói nesses espaços. Muitos influenciadores usam seu canal como forma de educar o público sobre a legitimidade das formas regionais de falar, explicando, por exemplo, as origens das palavras ou os contextos de uso. Como afirma Freitas (2021, p. 64) "essa atitude didática informal nas plataformas digitais contribui para a formação de uma consciência linguística crítica entre os seguidores, potencializando o combate ao preconceito e ampliando o entendimento sobre a diversidade linguística brasileira".

A análise discursiva dos vídeos no YouTube permite observar a maneira como os sujeitos constroem suas personas públicas com base na linguagem. Muitos criadores desenvolvem uma espécie de estilo linguístico que combina regionalismos, gírias e variações fonológicas como parte de sua marca identitária. Essa construção discursiva articula autenticidade e estratégia comunicativa, sendo eficaz para engajamento e reconhecimento (Araújo, 2019; Oliveira, 2021).

Por meio do engajamento ativo com seu público, os influenciadores digitais nordestinos constroem comunidades discursivas baseadas na valorização do regionalismo. Esses espaços se tornam zonas de acolhimento simbólico em que os falantes reafirmam sua identidade e se conectam emocionalmente por meio da língua. Isso reforça a noção de que a linguagem não é neutra, mas sim carregada de valores afetivos e políticos (Labov, 2008; Reisa, 2023).

Portanto, o YouTube, ao permitir a circulação de múltiplas vozes, opera como um instrumento de democratização do discurso. O que antes era motivo de vergonha ou discriminação passa a ser um elemento de orgulho e celebração. Nesse sentido, a plataforma contribui para a consolidação de uma nova ecologia linguística no Brasil, baseada no respeito à diversidade e na valorização das identidades locais (Albuquerque Jr., 2011; Reisa, 2023).

3.2 Estratégias comunicativas de influenciadores nordestinos

Os influenciadores nordestinos nas mídias sociais, especialmente no YouTube e Instagram, têm desenvolvido estratégias comunicativas que não apenas reafirmam suas identidades regionais, mas também desafiam normas linguísticas historicamente valorizadas no Brasil. Por meio da apropriação consciente do sotaque, entoação e léxico regional, esses produtores de conteúdo transformam a linguagem em um instrumento de resistência simbólica e construção de pertencimento. Conforme destaca Oliveira (2021, p. 73), a linguagem digital é construída com "intencionalidade discursiva, assumindo função estética, identitária e política."

Entre as estratégias mais visíveis está o uso recorrente de expressões idiomáticas, gírias locais e construções sintáticas características da fala nordestina. Essa escolha linguística constitui-se como ato performativo que reforça a legitimidade das variedades regionais do português. Segundo Bagno (2009) essas práticas desestabilizam o paradigma da norma padrão como única forma válida de expressão, conferindo prestígio simbólico à fala popular.

A intencionalidade comunicativa também se manifesta por meio da alternância fluente entre registros formais e informais, conforme contexto e público-alvo. Muitos influenciadores nordestinos são capazes de transitar com naturalidade entre o português padrão e o regional, revelando competência linguística plural. Coelho et al. (2010, p. 86) explicam que essa alternância, conhecida como code-switching, é "uma demonstração clara de flexibilidade e domínio linguístico," e não indicativa de deficiência linguística.

Outro recurso estratégico frequentemente utilizado é o humor como ferramenta discursiva. Por meio da sátira, ironia e paródia, os influenciadores nordestinos expõem estigmas sociais ligados à sua fala, subvertendo preconceitos com criatividade. Sobre isso, Cruz afirma:

O humor nas mídias digitais atua como um potente mediador simbólico entre crítica social e entretenimento, promovendo reflexões profundas sem perder seu apelo popular, e permitindo aos influenciadores confrontarem preconceitos sem agressividade explícita (Cruz, 2024, p. 42).

Esses criadores constroem suas personas digitais com marcadores linguísticos e culturais regionalizados, articulando conscientemente linguagem, aparência e gestualidade. Como destacam Grieger e Botelho-Francisco (2019, p. 40), "a criação de conteúdo digital envolve gestão estratégica da imagem pública, sendo a linguagem central nesse processo identitário."

Observa-se, também, uma valorização expressiva da oralidade para construir vínculos emocionais e de confiança com o público. A musicalidade e o ritmo próprios da fala nordestina são explorados para criar conteúdos envolventes. Marcuschi (2007) reforça que a oralidade é um recurso expressivo especialmente poderoso no meio digital, substituindo a presença física por proximidade emocional e linguística.

Em termos narrativos, influenciadores frequentemente produzem relatos autobiográficos e histórias cotidianas, fortalecendo vínculos identitários com o público ao narrar suas experiências de forma regionalizada e informal. Isso reforça o acolhimento, representatividade e resistência, alinhado à perspectiva de Labov (2008, p. 92), segundo o qual “cada enunciação é uma declaração de identidade e pertencimento, carregada com marcas sociais e culturais que revelam a trajetória histórica dos falantes e suas comunidades”.

Outro ponto importante é o uso consciente das legendas nos vídeos e publicações. Muitos influenciadores preservam a oralidade regional, inserindo legendas em ortografia padrão para tornar o conteúdo mais acessível, refletindo uma sensibilidade comunicativa ao mesmo tempo inclusiva e autenticamente regional (REISA, 2023).

Além da linguagem verbal, influenciadores adotam elementos visuais que dialogam com a cultura nordestina, como figurinos, cenários e símbolos regionais. Oliveira (2021, p. 81) ressalta que “a comunicação digital é multimodal, e os recursos visuais potencializam o valor simbólico da linguagem utilizada.”

Esses criadores enfrentam diretamente o preconceito linguístico, posicionando-se contra o apagamento das formas populares de falar. Como aponta Bagno:

O preconceito linguístico está enraizado em ideologias sociais que associam valor e prestígio à norma culta. Os influenciadores digitais nordestinos contestam tais hierarquias, provando que as variedades populares são veículos eficazes para conteúdos críticos, relevantes e bem-sucedidos (Bagno, 2007, p. 89).

O uso consciente da autoironia também é relevante. Incorporando estigmas atribuídos ao sotaque nordestino, muitos influenciadores subvertem essas associações discriminatórias com bom humor. Segundo Silva e Silva (2024, p. 71), “essa ironia estratégica permite que sujeitos linguísticos ressignifiquem os signos da exclusão, assumindo protagonismo discursivo.”

Influenciadores também criam bordões regionais que circulam rapidamente entre seguidores, funcionando como marcas identitárias. Reisa (2023, p. 34) define esse fenômeno como uma “alfabetização afetiva da linguagem nordestina,” gerando familiaridade e engajamento emocional.

O *storytelling* é outro recurso frequente, construindo vínculos afetivos com o público através de histórias descontraídas e espontâneas. Sousa e Lima (2019, p. 68) ressaltam que o valor da linguagem regional "não reside apenas no vocabulário, mas na forma narrativa que resgata memórias e afetos coletivos."

Vídeos temáticos sobre variação linguística e preconceito são comuns, servindo como ferramentas educativas informais sobre diversidade linguística. Conforme Freitas:

Influenciadores, de maneira didática e informal, assumem um papel pedagógico fundamental na construção de uma consciência linguística crítica, ampliando discussões antes restritas a espaços acadêmicos (Freitas, 2021, p. 56).

Influenciadores também ancoram seus discursos em referências culturais nordestinas, fortalecendo vínculos identitários. Como afirma Albuquerque Júnior (2011, p. 91), "o Nordeste é uma construção discursiva em constante disputa, sendo a linguagem uma das arenas centrais para essa disputa cultural."

O uso do contraste linguístico, comparando variedades regionais com a norma padrão, é utilizado para evidenciar a riqueza da diversidade linguística brasileira. Labov (2008, p. 46) chama isso de "consciência da estrutura variacional da língua, essencial para combater julgamentos superficiais e preconceituosos."

Dessa forma, interações diretas com seguidores, como transmissões ao vivo e comentários, ampliam os vínculos afetivos e de identificação. Essas interações frequentemente possuem linguagem acolhedora, reafirmando importância simbólica e emocional da oralidade (Cruz, 2024; Reisa, 2023).

Embora enfrentem preconceitos estruturais, esses influenciadores transformam tais desafios em estratégias comunicativas de resistência. Para Silva e Silva (2024, p. 75), a linguagem utilizada nas mídias digitais é "um território político onde sujeitos disputam sentidos, narrativas e posições sociais."

Assim, analisando essas estratégias, percebe-se que a linguagem é uma prática social rica em significados, afetos e resistências. Reconhecer e valorizar essa pluralidade é, portanto, essencial para a construção de uma sociedade democrática e inclusiva. Como defendem Coelho et al. (2010, p. 94), "compreender a linguagem em sua dimensão sociocultural é condição necessária para uma cidadania verdadeiramente plena."

3.3 Impacto das redes sociais na percepção da língua

As redes sociais digitais transformaram significativamente a forma como a língua é

percebida, utilizada e valorizada em contextos comunicativos diversos. Plataformas como YouTube, Instagram e TikTok tornaram-se vitrines para uma multiplicidade de usos linguísticos, muitos dos quais marginalizados na escola ou na mídia formal. Essa abertura discursiva tem contribuído para ressignificar variantes linguísticas regionais e sociais, alterando percepções sobre o que é “certo” ou “errado” linguisticamente. Como destaca Coelho et al. (2010, p. 27), a linguagem real revela suas múltiplas faces antes ocultadas por padrões normativos rígidos.

Com o maior acesso à internet e smartphones, os sujeitos passaram a produzir conteúdo onde suas formas de falar são protagonistas. Variantes regionais, especialmente nordestinas, ganharam destaque e passaram a circular em larga escala, despertando identificação e questionamentos sobre preconceitos linguísticos tradicionais. Essa mudança tem exigido repensar a língua como prática social dinâmica, alinhada à sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; BAGNO, 2009).

Um dos efeitos mais notáveis desse cenário é a valorização de identidades linguísticas locais, que encontram nas redes sociais um espaço para visibilidade e validação. Ao invés de esconder ou neutralizar suas formas de falar, muitos usuários as projetam como marcas autênticas de identidade cultural. Para Oliveira (2021, p. 49), isso configura um verdadeiro "ato político e afetivo de resistência simbólica frente às hegemonias linguísticas tradicionais."

Influenciadores digitais têm desempenhado papel central nesse processo, utilizando naturalmente variantes não padrão. Essa prática tem efeitos concretos na percepção do público, sobretudo entre os jovens, que começam a ver a pluralidade linguística com maior naturalidade. Silva e Silva (2024, p. 62) afirmam que "essa exposição contínua às variedades linguísticas nas redes promove uma alfabetização linguística informal, que favorece a aceitação da diversidade."

Entretanto, apesar dessa valorização, novas formas de policiamento linguístico emergiram nas redes sociais, exercidas pelos próprios usuários. Comentários que corrigem ortografia ou ridicularizam sotaques mostram que o imaginário normativo persiste.

As redes sociais não são apenas espaços democráticos, mas também campos de disputa entre valorização da diversidade linguística e persistência de preconceitos históricos. O papel educativo, portanto, é essencial para mediar essas tensões e promover inclusão linguística real (FREITAS, 2021, p. 53).

O espaço digital acolhe a diversidade, mas também serve como arena de disputas simbólicas sobre a língua. O uso de memes, vídeos humorísticos e reações reforça ideologias linguísticas excludentes, mas também abre espaço para debates construtivos. Como ressalta

Cruz (2024), a comunicação digital reflete e intensifica as tensões sociolinguísticas presentes na sociedade.

Outro impacto importante é a criação de novas formas de grafia e oralidade nas redes sociais, moldadas pela linguagem da internet. A escrita informal e criativa, com abreviações e neologismos, resulta em novos estilos linguísticos híbridos, ampliando repertórios comunicativos. Marcuschi (2007, p. 37) pontua que essas práticas "são legítimas e exigem competência comunicativa crítica dos usuários."

Nas redes sociais, a linguagem torna-se parte essencial da performance identitária. A forma como alguém escreve, fala e interage compõe sua persona digital. Variantes linguísticas ganham valor estético e simbólico como marcas de autenticidade e carisma. Conforme Grieger e Botelho-Francisco (2019, p. 40), "o desempenho linguístico é um capital comunicacional estratégico no ambiente digital."

O uso consciente das variantes linguísticas também impacta a autoestima dos falantes de regiões historicamente estigmatizadas. A circulação positiva de modos regionais de falar contribui para uma revalorização simbólica importante. Segundo Santos et al. (2020, p. 269), "esse fenômeno é parte essencial de uma nova configuração discursiva sobre o Nordeste mediada pelas tecnologias digitais."

A ampliação da comunicação digital promove contato cotidiano com diferentes variedades do português brasileiro, desconstruindo estereótipos linguísticos. Ao verem suas formas de expressão valorizadas nas redes, muitos falantes experimentam reconhecimento e orgulho linguístico.

Quando as variantes regionais circulam amplamente nas mídias digitais, isso enfraquece as noções excludentes de 'certo' e 'errado' e favorece o reconhecimento da legitimidade linguística de todos os falantes (BAGNO, 2007, p. 61).

Plataformas digitais têm papel fundamental na circulação de discursos heterogêneos, permitindo que formas linguísticas estigmatizadas sejam ressignificadas pelos próprios usuários. Reisa (2023) argumenta que isso fortalece as identidades linguísticas de grupos historicamente marginalizados, fazendo da linguagem um poderoso ponto de resistência cultural.

Além disso, as redes sociais facilitam interações entre falantes de regiões distintas, estimulando empatia linguística e quebrando hierarquias históricas. Essa interação cotidiana, segundo Oliveira (2021), é crucial para uma percepção inclusiva da língua, valorizando a diversidade acima das normas tradicionais.

A experiência emocional e afetiva proporcionada pelas redes, com conteúdos humorísticos ou críticos em linguagem regional, também fortalece a relação dos usuários com sua própria fala. Freitas (2021) reforça que vivências culturais significativas promovidas pelas mídias sociais são essenciais para formar uma consciência linguística positiva.

A dinâmica dos algoritmos potencializa a formação de comunidades digitais com forte identificação linguística. Esse processo favorece o reconhecimento mútuo e a valorização das identidades regionais. Grieger e Botelho-Francisco (2019, p. 41) destacam que "os algoritmos, embora possam criar bolhas sociais, também fortalecem redes de valorização mútua, elevando vozes antes periféricas."

Contudo, o preconceito linguístico continua presente nas interações digitais, frequentemente em comentários ofensivos ou depreciativos. Silva e Silva (2024) ressaltam que o combate ao preconceito exige práticas educativas e intervenções críticas efetivas no ambiente digital.

Por outro lado, cresce também a produção de conteúdos que explicam e defendem a variação linguística, promovendo um letramento sociolinguístico amplo e acessível. Para Silva (2022), essa democratização do conhecimento linguístico é fundamental para transformar percepções e fortalecer a cidadania linguística.

Expressões regionais têm sido amplamente difundidas por meio de memes e conteúdos virais, contribuindo para a incorporação positiva de vocábulos locais em contextos nacionais. Isso revela o potencial das redes sociais para difundir e valorizar traços linguísticos de forma positiva (Santos et al., 2020).

Outro aspecto relevante é a valorização da oralidade nas mídias digitais, contrapondo-se à tradição escolar que privilegia a escrita formal. Ao valorizar a fala espontânea e expressiva, as redes sociais ajudam a redefinir competência linguística como performance cotidiana (Coelho et al., 2010).

Em síntese, o impacto das redes sociais na percepção da língua é profundo e multifacetado. Elas operam como arenas simbólicas em que se disputam sentidos, identidades e ideologias sobre a linguagem. Se, por um lado, ainda há resquícios de preconceito linguístico, por outro, há um processo visível de valorização da diversidade e de empoderamento linguístico de grupos historicamente silenciados. Como conclui Bagno (2007), reconhecer a pluralidade da língua é reconhecer também a pluralidade dos sujeitos que a falam.

4 ANÁLISE DAS EXPRESSÕES NORDESTINAS DE MAX PETTERSON

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico, conforme orientações metodológicas de Gil (2019). A natureza qualitativa do estudo permite compreender os significados sociolinguísticos e discursivos das expressões utilizadas por um sujeito situado cultural e geograficamente, no caso, o influenciador digital Max Petterson. O caráter exploratório justifica-se pelo propósito de aprofundar a investigação sobre os efeitos linguísticos e culturais do uso do regionalismo nordestino nas mídias sociais, especificamente no YouTube, plataforma que viabiliza a difusão massiva de discursos identitários.

O objeto de estudo desta pesquisa é Max Petterson Freitas Monteiro, nascido em 16 de janeiro de 1994, na cidade de Crato, no estado do Ceará. Ator, youtuber, empresário e comediante, Max ganhou notoriedade ao se mudar para a França em 2014, onde passou a cursar estudos na Universidade de Paris-VIII. Desde então, ele documenta sua vivência no exterior por meio de vídeos em seu canal do YouTube, onde soma mais de 33 milhões de visualizações. Sua projeção aumentou significativamente após a viralização de um vídeo em que comenta, de forma humorística, sobre o calor excessivo na França. Sua fala marcada pelo sotaque e por expressões nordestinas tornou-se uma das principais características da sua identidade midiática.

Para a constituição do corpus, foram selecionados três vídeos específicos publicados no canal de Max Petterson, com base em critérios de relevância temática, visibilidade e representatividade do uso linguístico regional. O primeiro vídeo analisado traz uma narrativa em que Max relata um episódio vivido com uma atriz que sugeriu que ele "perdesse o sotaque" para ampliar suas oportunidades profissionais. Este vídeo foi selecionado por conter uma reflexão explícita sobre identidade, pertencimento e resistência linguística. O segundo vídeo foi recortado nos 30 segundos iniciais, período em que o influenciador utiliza expressões nordestinas de forma espontânea e enfática. Já o terceiro vídeo destaca-se por apresentar Max explicando conscientemente o significado de termos típicos do Nordeste, como “catrevagi”, “gaitada”, “avexado”, “triscar” e “fazer uma arte”, revelando uma postura educativa e afirmativa diante de sua herança linguística.

O tratamento analítico do corpus seguiu os procedimentos propostos por Bardin (2016), por meio da análise de conteúdo, estruturada em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na fase de pré-análise, os vídeos foram assistidos, transcritos e organizados em fichamentos que destacaram expressões regionais, marcas de

entoação, vocabulário e trechos reflexivos. Na exploração do material, as ocorrências linguísticas foram classificadas em categorias temáticas, como: *expressões idiomáticas, reflexões sobre o sotaque, explicação de regionalismos e resistência linguística*. Por fim, a interpretação foi conduzida com base em referenciais da Sociolinguística e dos Estudos Culturais, visando identificar os sentidos atribuídos a essas práticas linguísticas e seus desdobramentos sociais e culturais.

Conforme Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa qualitativa não busca mensurar fenômenos, mas interpretá-los em sua profundidade e complexidade. Assim, ao analisar os enunciados de Max Petterson, buscou-se compreender como a oralidade nordestina se configura como elemento performativo de sua identidade pública, bem como ferramenta de resistência simbólica diante das pressões de padronização cultural e linguística. O uso sistemático e consciente de regionalismos evidencia uma intencionalidade discursiva que dialoga diretamente com os processos de pertencimento, memória coletiva e afirmação cultural.

Além da análise linguística, esta pesquisa também incorpora aspectos da recepção discursiva, observando os comentários dos seguidores nos vídeos selecionados. Essa análise subsidiária possibilita verificar como o público interpreta e reage ao uso das expressões regionais, evidenciando os efeitos de sentido produzidos pelo discurso de Max. A inclusão da recepção, embora não quantitativa, permite identificar se os regionalismos provocam empatia, reforçam estigmas ou contribuem para a valorização da diversidade linguística no ambiente digital.

É importante ressaltar que os vídeos foram tratados como práticas discursivas inseridas em um contexto de circulação midiática, sendo atravessados por ideologias e disputas simbólicas. A abordagem metodológica adotada dialoga com os princípios da Análise de Discurso de orientação francesa, em especial no que se refere à relação entre linguagem, sujeito e contexto. Assim, a linguagem não é vista como reflexo de uma realidade objetiva, mas como constitutiva de identidades, sentidos e lugares sociais.

Por fim, essa combinação metodológica — que une análise de conteúdo, pressupostos sociolinguísticos e observação da recepção — proporciona uma leitura ampla e crítica do fenômeno investigado. A atuação de Max Petterson nas redes sociais não apenas reproduz um falar nordestino, mas o ressignifica, projetando-o em escala global e transformando-o em signo de resistência, humor, memória e pertencimento. A seguir, os resultados dessa análise serão apresentados e discutidos, com ênfase nas expressões linguísticas mais recorrentes e seus impactos discursivos e socioculturais.

4.1 Resultados: expressões idiomáticas e regionalismos identificados

Este tópico tem como objetivo apresentar e discutir os resultados obtidos a partir da análise de três vídeos selecionados do canal de Max Petterson, com enfoque na identificação, categorização e interpretação das expressões idiomáticas e regionalismos nordestinos empregados pelo influenciador. As expressões analisadas foram observadas como recursos linguísticos que atuam na construção de uma identidade cultural situada, funcionando ao mesmo tempo como mecanismos de humor, resistência simbólica e valorização da pluralidade linguística. Em consonância com os objetivos da pesquisa, busca-se demonstrar como essas escolhas linguísticas contribuem para o reconhecimento das variações do português brasileiro e para o combate ao preconceito linguístico.

Logo no primeiro vídeo, Max narra sua experiência durante o verão europeu, enfatizando a intensidade do calor com o uso de uma expressão fortemente marcada pela oralidade nordestina:

Gente, eu vou aproveitar esse vídeo para dar um conselho pra você que quer vir pra Europa, quer vir pra França, quer vir pra Paris no mês de junho, julho e agosto: não venha, venha não, porque é um calor da molesta, é um negócio pra lhe matar, pra esturricar.

Aqui, duas expressões regionais ganham destaque: “calor da molesta” e “esturricar”. Ambas são hiperbólicas e funcionam como intensificadores de sensação, transmitindo uma experiência sensorial e afetiva. A palavra “molesta”, típica do nordeste, é usada como forma de reforço negativo, substituindo termos como “insuportável” ou “infernai”, enquanto “esturricar” indica a ideia de ser queimado até o limite. Conforme observa Bagno (2009), o vocabulário popular e regional é frequentemente carregado de significados culturais e, longe de ser um erro, trata-se de um patrimônio linguístico oral que deve ser reconhecido em sua legitimidade comunicativa.

A descrição do desconforto continua com um recurso que mistura crítica social e humor:

Tem pareia não, viu? Tem pareia não! Eles acostumam você com frio, eles botam assim menos dez, dezembro, janeiro, fevereiro... aí acostuma você com frio pra quando chegar no mês de julho, chegar uma ferveção dessa... minha gente, não é humano!

A expressão “tem pareia não” significa “não há nada igual” ou “não tem comparação”. Trata-se de um regionalismo que carrega um sentido de exasperação e que, pela repetição,

acentua o tom dramatizado e cômico do relato. Como ressaltam Coelho et al. (2010), as variantes diatópicas, como as do Nordeste brasileiro, compõem um sistema linguístico completo, com lógica gramatical própria e funções discursivas específicas. O uso reiterado dessas expressões não é aleatório, mas sim parte de uma performance identitária do falante que se reconhece e se posiciona através da língua.

Em outro trecho, Max descreve o ambiente fechado e abafado dos espaços públicos com ar-condicionado na Europa:

Aí quando você chega num lugar que tem ar-condicionado, tá lá todo mundo concentrado. Aí o povo concentrado, o povo fede, porque a maioria fede. Aí fica o quê? Uma concentração de catinga. Uma catinga refrigeralizada

O termo “catyinga”, comum no Nordeste, refere-se a mau cheiro corporal, sendo frequentemente usado com conotação humorística. A construção “catyinga refrigeralizada” cria um paradoxo que amplifica o tom cômico da crítica: ao invés de alívio, o ar-condicionado intensifica o desconforto. Como afirmam Marcuschi e Dionísio (2007), a linguagem da oralidade é marcada por figuras de linguagem espontâneas e pela recriação constante do real através do exagero, da ironia e da metáfora.

Esse processo continua em descrições como:

Você dorme igual as galinhas, pôdi, fedorenta, arrombada, morta, escancarada no chão, não venha não!

Nesta sequência, Max articula uma série de adjetivações e imagens grotescas que integram um campo semântico do exagero e do absurdo, muito comum na oralidade nordestina. A expressão “morta escancarada no chão” exemplifica o uso de metáforas de forte impacto visual, que contribuem para um tipo de humor que mistura crítica, desabafo e identidade. Para Ilari e Basso (2014), essas expressões orais não devem ser vistas como desvios, mas como formas legítimas e complexas de comunicação dentro de seus contextos socioculturais.

A expressividade narrativa de Max Petterson se sustenta não apenas no léxico regional, mas também na estrutura rítmica e sonora de sua fala. Ele constrói cenas cotidianas de maneira intensificada e acelerada, o que reforça o aspecto performático de sua linguagem. Um exemplo claro é sua descrição caótica das ruas durante o verão:

Você sai no meio da rua, as casas não são preparadas pro calor, é umas coisas de pedra, de calcário... as ruas são quentes... os ônibus não abre janela... aí quando você chega num lugar que tem ar-condicionado, o povo concentrado, o povo fede... a maioria fede!

O uso de frases coordenadas, enumerações e repetições cria uma oralidade marcada pelo excesso, pelo acúmulo de sensações e pelo envolvimento afetivo do falante com a experiência narrada. Segundo Marcuschi e Dionísio (2007), essa característica é constitutiva da linguagem falada e reflete um modo de dizer que carrega mais do que conteúdo: transmite identidade, emoção e pertencimento.

A sequência do relato retoma a mesma estrutura oral, criando uma espécie de enxurrada de sons e imagens que se sobrepõem:

É carro buzinando, moto passando do sinal, passando assim nas brechas da calçada, menino chorando, cachorro latindo, gato miando, pintinho piu, as velhinhas passando bem devagarzinho na sua frente...

A construção dessa frase é tipicamente narrativa e enumerativa, remetendo a uma estética linguística da oralidade popular. A escolha do adjetivo “devagarzinho”, intensificado por “bem”, não apenas reforça o ritmo da cena como também insere uma crítica social embutida em afeto e respeito. Como assinala Bagno (2007), o falar popular é sempre carregado de marcas sociais, e seu uso revela o modo como o falante percebe e representa o mundo. A referência seguinte aprofunda essa crítica:

Não tenho nada contra , deixe a coitada andar no tempo dela que ela já teve pressa demais na vida, mas imagina isso multiplicado por dez mil! Porque aqui na Europa só tem gente velha, a maioria é gente velha, aí o povo passa bem devagarzinho na sua frente...

A fala, ainda que aparentemente trivial, revela o modo como Max constrói sua crítica por meio de observações cotidianas expressas com lirismo popular. A linguagem regional aqui não serve apenas ao humor, mas estrutura uma visão de mundo baseada na experiência nordestina migrante. Como destacam Santos et al. (2020), o discurso regionalizado carrega uma historicidade e atua como forma de resistência ao apagamento simbólico e linguístico em espaços hegemônicos.

Ele conclui esse trecho com:

Você lá no sol, com a cara esturricando... e ainda passa ambulância, porque quem já veio em Paris sabe: ambulância pra cima e pra baixo, truando, porque o povo não aguenta catinga e morre, né?

O uso da forma oral “truando” — que significa fazendo barulho alto e incômodo — exemplifica uma flexão fonológica própria da fala popular nordestina. Essa forma, longe de

ser erro, expressa uma variação fonética comum em contextos informais e que, como defende Labov (2008), deve ser estudada como parte estruturada e previsível da linguagem humana. Max naturaliza essa fala, não a “corrige”, e a insere em seu discurso como elemento estilístico e identitário.

Além disso, o vocabulário continua recorrendo ao campo semântico do exagero, com termos como “fedorenta”, “arrombada”, “morta escancarada no chão”, que já apareceram antes, criando uma cadeia simbólica de hipérboles que estruturam seu estilo cômico e expressivo. Tal uso reiterado de expressões de forte impacto contribui para fixar o regionalismo como eixo central de seu ethos discursivo. Para Ilari e Basso (2014), essas escolhas linguísticas ajudam o falante a demarcar sua posição social e sua visão de mundo, fazendo da linguagem um lugar de luta simbólica.

No segundo vídeo, Max Petterson muda levemente sua estratégia discursiva: ele passa a assumir uma postura mais didática, voltada para a explicação de termos do vocabulário nordestino. A proposta do vídeo é ensinar, por meio de exemplos contextualizados, o significado e a função de certas expressões idiomáticas e gírias regionais. O influenciador inicia com o termo “catrevagem”, dizendo:

Por exemplo, a primeira palavra do dia é catrevagem. Catrevagem é quando a pessoa não vale nada, quando a pessoa ou lugar ou alguma coisa não vale nada, é uma coisa catrevage. Por exemplo: mulher, eu vou pra essa festa hoje não, que essa festa é muita catrevage, só tem gente feia.

A expressão “catrevagem” é típica de áreas interioranas do Nordeste e carrega um juízo de valor bastante específico. Seu uso aponta para uma avaliação negativa não apenas de pessoas, mas também de lugares ou situações, e se distingue por sua sonoridade marcante e carga expressiva. Como observam Oliveira et al. (2022), expressões como essa mantêm viva a memória cultural dos falantes e revelam formas populares de categorizar o mundo. Ao trazer esse vocabulário para o centro do discurso, Max legitima saberes linguísticos historicamente marginalizados.

Na sequência, Max apresenta o termo “gaitada”, estabelecendo uma equivalência direta com o termo “gargalhada”:

Gaitada, por exemplo, é a gargalhada. Só que a gente fala gaitada. Agora não vem me perguntar por que ela se tornou gaitada, que eu não sei. Mas, por exemplo: menino, ontem levou uma queda tão grande de bicicleta que eu dei uma gaitada no meio da rua.

A explicação combina informalidade com autoridade afetiva: Max não justifica

etimologicamente o termo, mas valida seu uso a partir da experiência coletiva. Essa forma de explicar a língua pelo uso — e não pela norma — é coerente com os princípios da Sociolinguística Variacionista. Como afirma Bagno (2007), não há uma forma “certa” de falar, mas sim usos situados que expressam visões de mundo e modos de viver. “Gaitada” não é apenas uma risada; é um riso mais ruidoso, corporal e compartilhado, cuja escolha lexical reforça o senso de pertencimento comunitário.

Logo depois, ele introduz a palavra “avexado”, explicando:

Avexado quer dizer quando a pessoa está apressada. Mulher, não venha hoje com tuas besteiras não, porque eu tô muito avexado.

O termo “avexado” deriva do verbo “avexar”, comum no nordeste e pouco usado nas demais regiões do país. Trata-se de uma palavra que traduz simultaneamente a pressa e a ansiedade — estados mentais e físicos expressos com uma intensidade própria da fala regional. Labov (2008) destaca que a escolha de determinadas variantes se dá conforme o contexto social e os grupos com os quais os falantes se identificam. Max, ao manter esse vocabulário vivo e visível, participa da transmissão de uma linguagem carregada de marca cultural.

Em seguida, apresenta o termo “triscar”:

Triscar quer dizer tocar. Por exemplo: esse celular é trisque na tela, é touch screen, não é verdade? Ou então: menino, trisca nessas panela quente não, tu vai queimar até o dedo.

O verbo “triscar” é uma forma arcaica que permanece viva em regiões do Nordeste, especialmente nas zonas rurais. Sua permanência é um fenômeno sociolinguístico que revela resistência à uniformização lexical imposta pelas mídias e pelo ensino formal. Como apontam Razky et al. (2019), a variação diatópica evidencia a heterogeneidade linguística do país e revela formas de comunicação enraizadas no cotidiano e nas práticas locais.

Finalizando a sequência, Max apresenta uma expressão de uso intergeracional: “fazer uma arte”:

Fazer uma arte é quando a criança, por exemplo... isso se aplica muito em criança, as crianças gostam muito de fazer arte. Quem falava isso eram os nossos antepassados, os nossos avôs, mas antepassados ainda vivos, né? Por exemplo: menino, desce desse pé de manga que vai fazer uma arte!

Essa última expressão mostra o vínculo entre linguagem e memória cultural. Ao mencionar que a frase era usada por “antepassados ainda vivos”, Max explicita o papel da

linguagem como transmissora de valores e modos de ver o mundo entre gerações. Como analisa Oliveira (2021), a identidade linguística está ligada não apenas ao uso de palavras, mas à afetividade associada à sua transmissão. “Fazer uma arte” não apenas comunica a travessura, mas mobiliza um repertório afetivo que liga o falante a sua infância, sua comunidade e seu passado coletivo.

Ainda no segundo vídeo, Max fecha sua sequência explicativa com um exemplo que mistura diversas expressões em um contexto humorístico, destacando a palavra “cafunçú”:

A frase final: Aquele cafunçú levou uma queda de bicicleta que eu dei a maior gaitada. Ave Maria, imagina se ele tivesse triscado no parapeito, né?

A palavra “cafunçú”, também grafada “cafusu” ou “cafunçu”, é uma gíria regional que pode assumir significados diversos conforme o contexto. Em muitas localidades do Nordeste, refere-se a alguém desengonçado, feio ou mal-apessoado, e aparece com frequência no humor popular. Max constrói a frase com o intuito de gerar riso, mas também de mostrar como essas expressões se articulam com cenas do cotidiano. Essa construção dá sentido à proposta de que o falar regional é mais do que um estilo: é uma forma de ordenar o mundo, como discute Bagno (2007), ao destacar que o léxico popular traduz experiências sociais e afetivas de seus falantes.

Na sequência, o influenciador reforça que essas explicações fazem parte de um projeto comunicativo voltado à inclusão e à mediação entre públicos distintos:

Essas são as expressões que eu quero que vocês vão aprendendo também. Quem não quiser aprender, não é obrigado não. Mas é pra gente poder ter um diálogo mais humano, mais compreensivo aqui nos meus vídeos.

Aqui, Max evidencia que o uso da linguagem regional não é apenas um elemento estilístico, mas uma escolha consciente e política. Ao afirmar que deseja um “diálogo mais humano”, ele aponta para a função social da linguagem como mediadora de compreensão e empatia. Como defendem Marcuschi e Dionísio (2007), o uso da oralidade nas mídias pode se tornar um espaço de disputa simbólica, especialmente quando o falante escolhe visibilizar formas de falar que historicamente foram silenciadas.

O segundo vídeo se encerra com uma reflexão sobre o ritmo da vida e o vocabulário como reflexo da ancestralidade:

Quem falava isso eram os nossos antepassados... os nossos avôs... mas antepassados ainda vivos, né?

Essa frase sintetiza o vínculo entre linguagem, memória e identidade. O uso da expressão “antepassados ainda vivos” reforça o caráter intergeracional da fala nordestina e sua função de transmissão cultural. De acordo com Oliveira et al. (2022), a preservação de expressões populares representa um gesto de resistência frente ao apagamento cultural promovido por práticas linguísticas normativas e homogeneizadoras.

Ao iniciar o terceiro vídeo, Max retoma o eixo temático do preconceito linguístico, agora em uma narrativa pessoal e afetiva, ao lembrar de um episódio marcante em um festival de cinema em Paris:

Uma vez, no Festival de Cinema Brasileiro de Paris, logo quando eu viralizei, isso foi há seis anos... no auge... o vídeo viral, todo mundo queria falar comigo...

O tom intimista prepara o ouvinte para uma revelação mais sensível e crítica. Max narra a abordagem de uma atriz brasileira que, de forma direta, o aconselha a abandonar o sotaque:

Chegou uma atriz aqui do Rio, ela veio fazer foto comigo e olhou pra mim, na frente de todo mundo, e disse: você tem tudo pra explodir, pra funcionar... e eu vou lhe passar uma apostila pra você perder o seu sotaque.

A fala da atriz expõe com clareza o preconceito linguístico institucionalizado, travestido de conselho profissional. Esse episódio retrata o que De Santana Lima (2022) define como “invisibilização da identidade linguística”, um processo no qual se tenta apagar os traços regionais para adequar o sujeito a um padrão linguístico supostamente neutro — padrão esse que, como argumenta Bagno (2007), nada mais é do que a imposição de uma norma socialmente privilegiada, identificada com a elite letrada urbana do sudeste brasileiro.

A reação de Max Petterson ao episódio de tentativa de neutralização de seu sotaque revela a profundidade do vínculo entre linguagem e identidade. Em resposta à proposta da atriz, ele afirma com clareza e orgulho:

Aí eu olhei pra ela e disse: olha, eu vou te explicar uma coisa muito rápida aqui. Essa roupa eu comprei em Paris, esse cabelo eu cortei em Paris, esse relógio eu comprei em Paris... A única coisa que me restou de onde eu sou é o meu sotaque. Não queira me tirar isso.

Esse trecho se configura como um manifesto de resistência. Ao listar elementos materiais adquiridos na França e contrapor esses objetos à sua fala como símbolo de origem, Max destaca o sotaque como herança simbólica que o conecta à sua terra, sua história e sua cultura. É uma recusa à lógica assimilacionista que exige a “limpeza” linguística como

condição para o sucesso. Segundo Santos et al. (2020), silenciar o sotaque nordestino não é apenas apagar um traço fonético, mas deslegitimar todo um repertório de significações identitárias construídas historicamente.

Essa recusa é ainda mais potente no contexto digital, onde o capital simbólico frequentemente está associado à padronização estética e linguística. Max, ao contrário, transforma sua fala em marca de autenticidade e diferencial discursivo. Como observa Oliveira (2021), influenciadores que preservam e promovem seu modo de falar desafiam os algoritmos culturais das redes, que tendem a privilegiar modelos homogêneos de comunicação.

A análise dos três vídeos evidencia que o uso das expressões idiomáticas e regionalismos por Max Petterson não é casual, mas deliberado e performativo. Termos como “molesta”, “esturricar”, “catinga”, “pareia”, “catrevagem”, “gaitada”, “triscar”, “aveixado”, “cafunçu” e “fazer uma arte” compõem um léxico afetivo e simbólico que projeta o Nordeste em território digital. Cada termo carrega em si uma cosmovisão, uma memória coletiva, e uma estratégia de resistência contra o silenciamento e a exclusão.

Como defende Bagno (2009, p. 75), “a valorização das variantes linguísticas regionais não significa o abandono da norma padrão, mas sim a ampliação dos repertórios comunicativos e culturais, permitindo aos falantes exercerem sua cidadania linguística plena”. Max encarna esse princípio ao transformar sua fala em instrumento de visibilidade cultural e disputa simbólica. Ele se recusa a se adequar a uma norma imposta e, com isso, reafirma que a linguagem não é neutra: ela revela pertencimentos, desafia hierarquias e pode se tornar ato político.

Em síntese, a análise das expressões idiomáticas e regionalismos utilizados por Max Petterson mostra que sua linguagem atua como uma ferramenta de afirmação identitária, de transmissão cultural e de enfrentamento ao preconceito linguístico. Ao ocupar um espaço de visibilidade nas redes com uma linguagem marcada regionalmente, o influenciador não apenas diverte e informa, mas transforma seu canal em um território de resistência simbólica, pedagógica e afetiva, um espaço onde o falar nordestino não é disfarçado, mas celebrado.

4.2 Recepção do público e impacto sociocultural

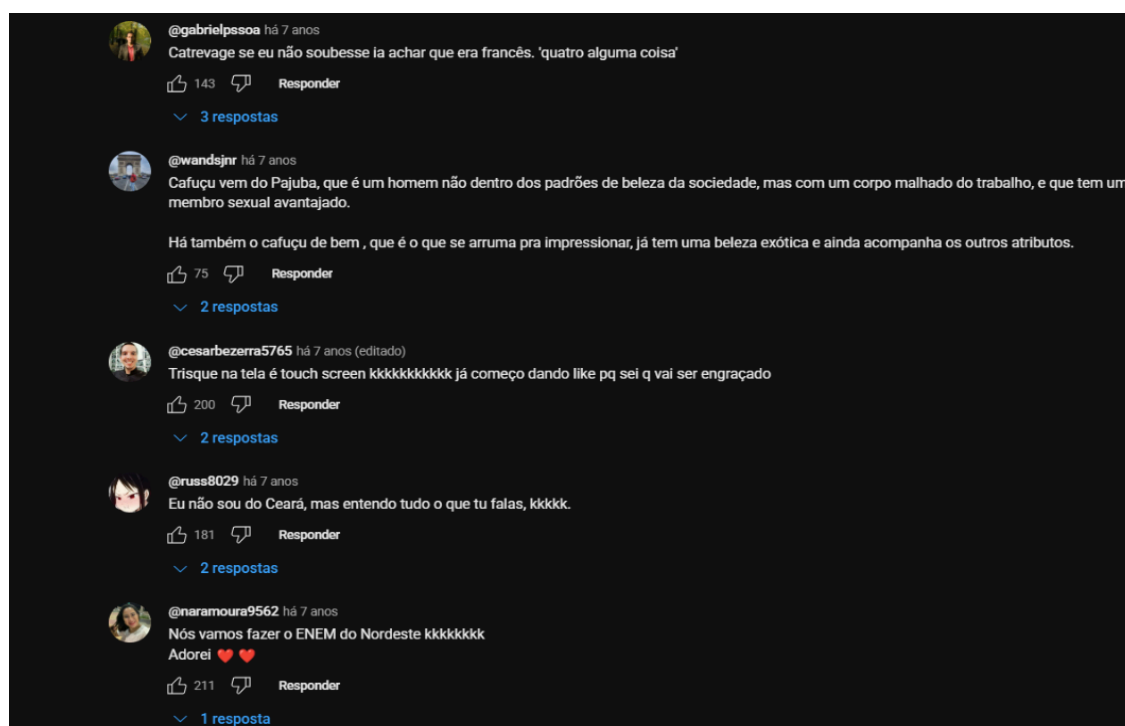
A repercussão do conteúdo produzido por Max Petterson nas redes sociais, especialmente em seu canal do YouTube, evidencia não apenas a eficácia de sua performance humorística, mas, sobretudo, o impacto sociocultural do uso da linguagem regional em

Fonte: *Youtube* (2025).

Já na segunda imagem de comentários, observa-se uma ampliação da recepção humorística com base na linguagem popular. O comentário de @mylla8165 ironiza: “Um conselho para quem quer vir à Europa nos meses de junho, julho e agosto: NÃO VENHA”. Aqui, temos uma clara apropriação da estrutura discursiva de Max — conselhos performáticos, exagero humorado e tom coloquial. Essa apropriação revela que a audiência internaliza não apenas as palavras, mas o estilo narrativo regionalizado, replicando-o como parte do seu próprio repertório linguístico. Conforme Labov (2008), a variação linguística se legitima não apenas pelo uso original, mas pela aceitação e reprodução coletiva de suas formas.

Ainda se destaca o comentário de @800santos: “meu deus, um cearense reclamando do calor então isso deve ser quente pra caralho mesmo”. Neste caso, o comentário aponta para um reconhecimento sociocultural: o estereótipo de que o nordestino é resistente ao calor torna o relato de Max ainda mais crível e engraçado. Isso evidencia a construção de sentidos coletivos que se estabelecem pela associação entre linguagem, identidade e contexto. Como afirmam Santos et al. (2020), o discurso humorístico regionalizados opera simultaneamente como catarse, crítica social e reforço de laços culturais.

Figura 3 – Comentários do vídeo “Quase um dicionário nordestino” (1)



Fonte: *Youtube* (2025).

O segundo vídeo analisado, em que Max Petterson explica o significado de gírias e expressões como *catrevagem*, *gaitada*, *triscar* e *fazer uma arte*, também provocou engajamento imediato do público, que se identificou com as palavras ou se divertiu ao conhecê-las. O uso da citação direta reforça a eficácia da performance oral de Max. A frase, marcada pela informalidade e estrutura típica da fala popular, torna-se memorável e compartilhável. Segundo Marcuschi e Dionísio (2007), esse tipo de circulação e reaproveitamento da fala cotidiana nas redes é característica da oralidade midiática, que se ancora no riso, no pertencimento e no reconhecimento de expressões identitárias.

Outro comentário emblemático vem de @carlasouza859, que diz: “Só quem é nordestino entende! Adoro! Hahaha #OrgulhoDeSerNordestina”. Aqui a afirmação do pertencimento regional é explícita. O uso da hashtag reforça um sentimento de identidade coletiva e de valorização cultural. Como discutem Santos et al. (2020), o ambiente digital também é lugar de resistência simbólica, e o uso do sotaque e das expressões locais passa a ser reafirmado como símbolo de orgulho, em oposição ao preconceito linguístico estrutural.

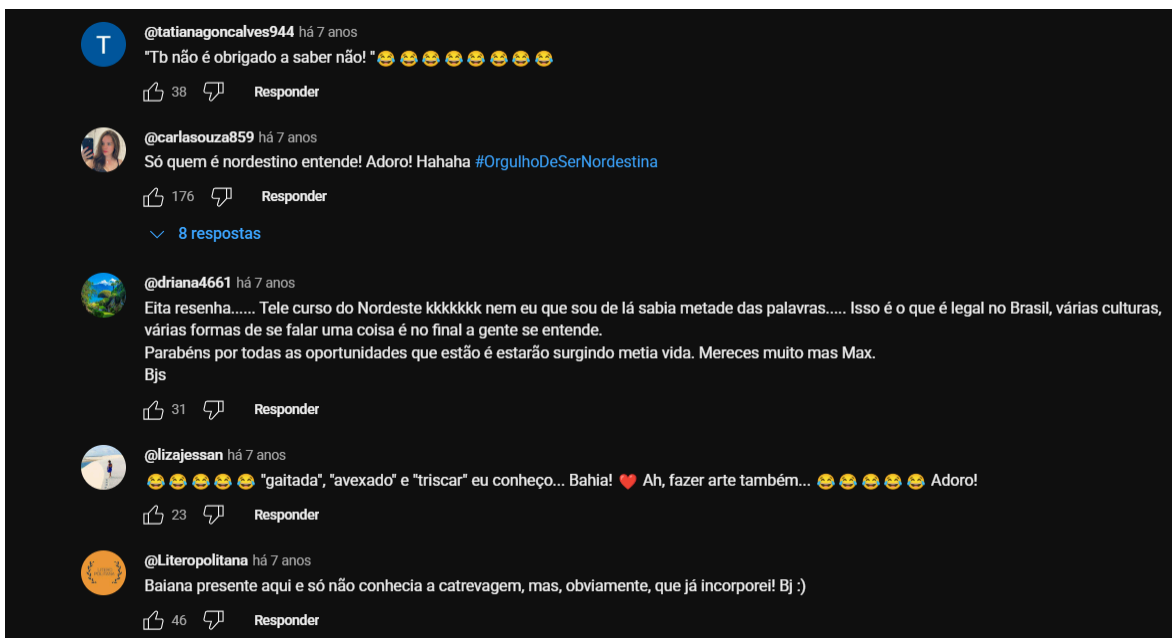
A usuária @driana4661 reforça essa ideia ao comentar: “Eita resenha... Telecurso do Nordeste kkkkkkkk nem eu que sou de lá sabia metade das palavras... Isso é o que é legal no Brasil, várias culturas, várias formas de se falar uma coisa e no final a gente se entende.” Este comentário evidencia um dos pontos centrais da proposta de Max Petterson: educar com humor e afetividade. O “telecurso” mencionado aqui é uma metáfora que associa o conteúdo a uma prática pedagógica informal e divertida. Conforme defende Reisa (2023), o ensino de variação linguística pelas mídias sociais é eficaz justamente porque humaniza o processo de aprendizagem e rompe com a ideia de superioridade da norma padrão.

No mesmo sentido, @lizajessan comenta: “‘Gaitada’, ‘avexado’ e ‘triscar’ eu conheço... Bahia! Ah, ‘fazer arte’ também... Adoro!” O reconhecimento e a familiaridade com os termos mostram que o léxico apresentado por Max circula entre diferentes estados do Nordeste, ainda que com variações internas. Isso confirma os apontamentos de Dos Santos e Mota (2020), ao destacarem que a variação diatópica brasileira é ampla e complexa, com sobreposições entre léxicos de diferentes localidades, reforçando o caráter plural da língua.

Esse tipo de comentário demonstra que o conteúdo de Max não apenas provoca riso, mas também estimula a incorporação de novos termos e amplia o repertório linguístico do público. Isso confirma o papel social dos influenciadores como mediadores culturais, conforme discutido por Oliveira (2017), ao apontar que as redes se tornaram espaços

privilegiados para circulação de saberes populares e de práticas discursivas antes restritas a contextos locais.

Figura 4 – Comentários do vídeo “Quase um dicionário nordestino” (2)



Fonte: *Youtube* (2025).

Os comentários reforçam o caráter de descoberta e partilha de saberes promovido pelo vídeo. O internauta @gabrielpssoa brinca com a sonoridade do termo “catrevage”: “Catrevage se eu não soubesse ia achar que era francês. ‘quatro alguma coisa’” Essa ironia revela como a sonoridade de certos termos regionais pode parecer estranha a quem não é do território linguístico em questão. Mas, ao mesmo tempo, o comentário é receptivo e curioso, reforçando o papel pedagógico do vídeo.

Conforme Labov (2008), a compreensão das variações linguísticas depende da exposição e da convivência, sendo os meios digitais um canal eficiente para essa difusão. O usuário @wandsjnr complementa com uma explicação mais técnica do termo “cafuзу”:

Cafuçu vem do Pajubá, que é um homem não dentro dos padrões de beleza da sociedade, mas com um corpo malhado do trabalho, e que tem um membro sexual avantajado... Há também o cafuçu de bem, que é o que se arruma pra impressionar, já tem uma beleza exótica e ainda acompanha os outros atributos.

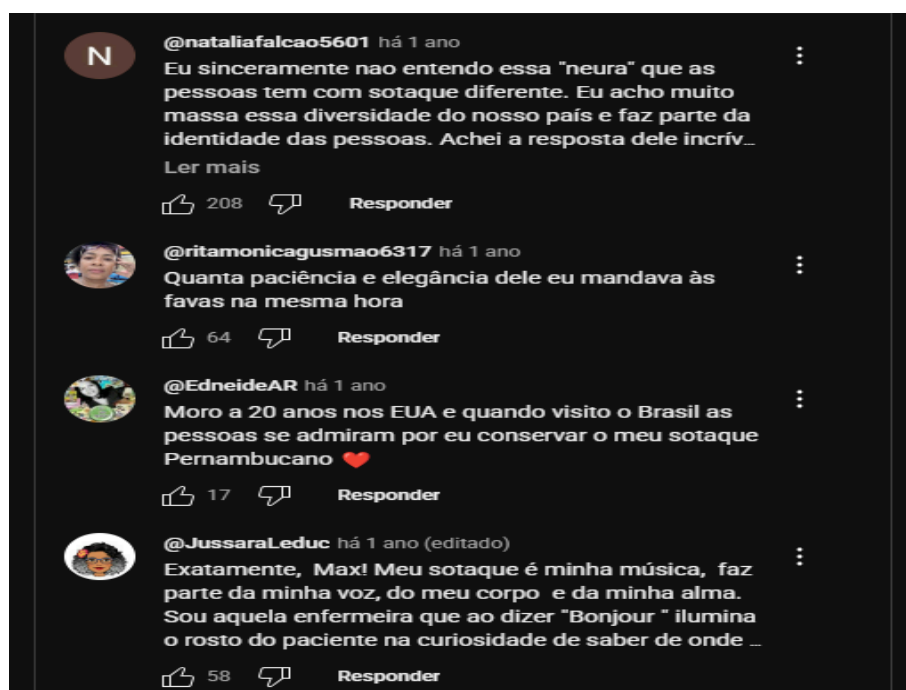
Este comentário revela uma interseção interessante entre o léxico popular nordestino e a linguagem das comunidades LGBTQIA+ (Pajubá). Isso amplia ainda mais o escopo sociolinguístico do material analisado, pois demonstra que a fala de Max Petterson também

resgata expressões que circulam entre outras comunidades marginalizadas. Segundo De Santana Lima (2022), reconhecer essas formas de expressão é essencial para combater a exclusão simbólica de grupos que historicamente foram silenciados.

Outro exemplo de apropriação bem-humorada vem de @cesarbezerra5765: “Trisque na tela é touch screen kkkkkkkkkkk já começo dando like pq sei q vai ser engraçado” Aqui, a expressão “triscar” é reinterpretada em diálogo com a tecnologia contemporânea (“touch screen”), o que comprova a capacidade da linguagem popular de se adaptar a novos contextos sem perder sua identidade. Bagno (2009) destaca que a linguagem popular não é um resíduo do passado, mas um mecanismo vivo, mutável e funcional, que se atualiza constantemente.

Por fim, @naramoura9562 afirma: “Nós vamos fazer o ENEM do Nordeste kkkkkkkkk Adorei” Essa frase brinca com a ideia de que o vocabulário regional é tão rico que mereceria uma avaliação própria. Essa metáfora reforça a importância e complexidade das expressões apresentadas por Max e, ao mesmo tempo, ironiza o padrão normativo de ensino. A linguagem popular, nesse caso, torna-se símbolo de resistência cultural e marca de valorização da identidade nordestina.

Figura 5 – Comentários do vídeo “Sotaque” (1)



Fonte: Youtube (2025).

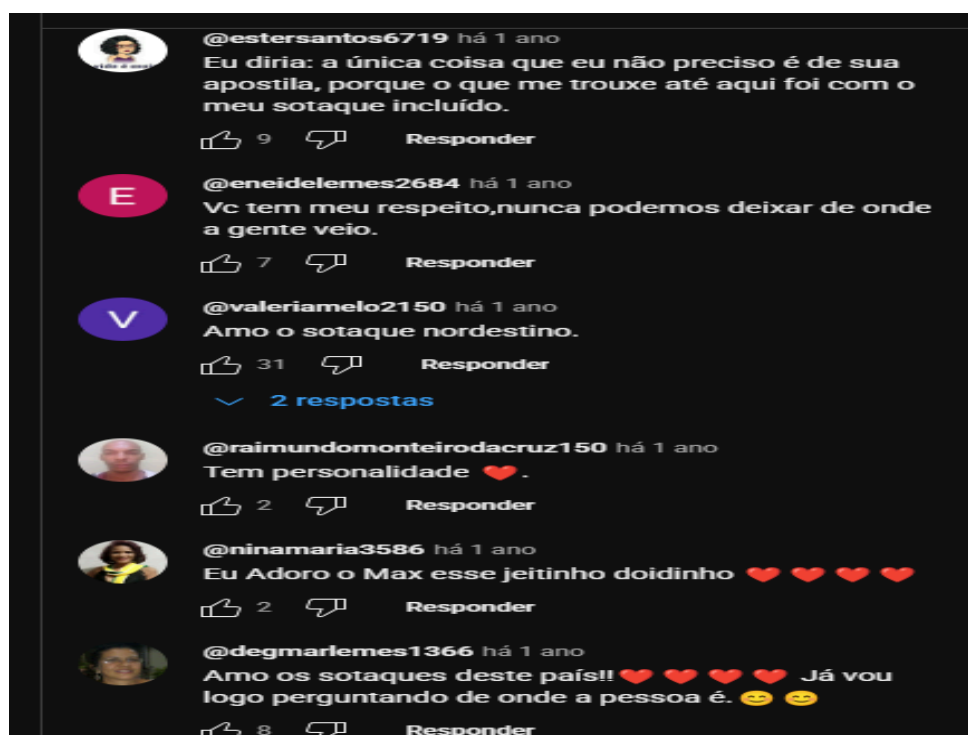
No terceiro vídeo, em que Max Petterson compartilha a experiência de ter sido incentivado a neutralizar seu sotaque, os comentários demonstram um alto grau de empatia,

identificação e defesa do direito à diversidade linguística. A usuária @estersantos6719 ecoa a resposta de Max com orgulho: “Eu diria: a única coisa que eu não preciso é de sua apostila, porque o que me trouxe até aqui foi com o meu sotaque incluído.” Este comentário reafirma que o sotaque é compreendido pelo público não como um obstáculo, mas como uma marca de autenticidade, resistência e valor simbólico. Como aponta Bagno (2007), o preconceito linguístico se combate com orgulho linguístico – quando o falante se apropria da própria fala como parte legítima da sua identidade.

A usuária @eneidelemes2684 segue no mesmo tom: “Você tem meu respeito, nunca podemos deixar de onde a gente veio.” Aqui, o reconhecimento público da trajetória do influenciador passa pela preservação de sua origem linguística e territorial. O sotaque é entendido como raiz, como elo com a história e a comunidade. Essa valorização rompe com a lógica homogeneizadora da norma padrão e dá voz à pluralidade linguística do país, em consonância com Ilari e Basso (2014).

Já @degmarlemes1366 amplia a reflexão: “Amo os sotaques deste país!! Já vou logo perguntando de onde a pessoa é.” Essa fala confirma que o sotaque é uma das primeiras formas de aproximação e reconhecimento social entre falantes. De acordo com Reisa (2023), o ensino da diversidade linguística deve ser pautado por escuta e valorização, e comentários como este revelam que o público está cada vez mais receptivo à pluralidade comunicativa.

Figura 6 – Comentários do vídeo “Sotaque” (2)



Fonte: Youtube (2025).

Na última imagem analisada, o tom de defesa da diversidade linguística se intensifica. A usuária @nataliafalcao5601 se posiciona contra o preconceito com clareza: “Eu sinceramente não entendo essa ‘neura’ que as pessoas têm com sotaque diferente. Eu acho muito massa essa diversidade do nosso país e faz parte da identidade das pessoas.” Essa fala se alinha diretamente aos princípios da Sociolinguística, que compreende a variação como um traço constitutivo da língua e não como erro (Labov, 2008). A resposta da usuária também confirma que o discurso de Max inspira resistência e aceitação, consolidando-se como pedagogia social.

A fala de @JussaraLeduc é particularmente simbólica: “Exatamente, Max! Meu sotaque é minha música, faz parte da minha voz, do meu corpo e da minha alma.” Aqui, o sotaque ultrapassa o nível fonológico e passa a ser representado como elemento corporal e emocional. Trata-se de uma perspectiva coerente com os estudos de Oliveira et al. (2022), que tratam o sotaque como expressão cultural complexa e insubstituível. Max, ao recusar “perder” o seu sotaque, confirma esse entendimento e inspira seu público a adotar a mesma postura.

Os comentários analisados ao longo dos três vídeos revelam que a linguagem de Max Petterson mobiliza afetos, reconhecimentos e disputas simbólicas em torno da pluralidade linguística brasileira. O público não apenas consome, mas interage, aprende, se identifica e defende o uso de expressões regionais e o direito ao sotaque como parte de uma identidade que resiste à homogeneização cultural.

Portanto, os vídeos de Max Petterson e a reação de seu público configuram um espaço de valorização da diversidade linguística e cultural do Brasil, tornando o YouTube um verdadeiro território de enunciação política. Como reforça Bagno (2009), a língua é mais que instrumento de comunicação: é campo de disputa por reconhecimento, dignidade e visibilidade. E, nesse campo, a fala nordestina, expressiva e orgulhosa, ocupa o centro do palco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas ao longo desta pesquisa evidenciaram a importância da linguagem como um elemento central na construção de identidades sociais e culturais. A análise dos vídeos do influenciador Max Petterson, bem como os comentários de seu público, permitiu compreender como a oralidade regional, marcada por expressões idiomáticas e gírias típicas do Nordeste brasileiro, opera não apenas como ferramenta comunicativa, mas também como um potente instrumento de resistência simbólica, de valorização cultural e de enfrentamento ao preconceito linguístico.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar como o uso das expressões nordestinas nas falas de Max Petterson contribui para o fortalecimento da identidade regional, promovendo o respeito à pluralidade da língua materna e combatendo visões estigmatizadas sobre o modo de falar dos nordestinos. A partir desse objetivo, estruturaram-se análises que contemplaram tanto os aspectos linguísticos e discursivos do conteúdo produzido pelo influenciador quanto a recepção do público, manifestada nos espaços de comentário das redes sociais.

No decorrer da análise dos vídeos, foi possível observar que Max Petterson utiliza de forma consciente sua fala marcada pelo sotaque e pelo vocabulário regional. Expressões que não aparecem apenas como traços naturais de sua oralidade, mas são destacadas, explicadas e até mesmo performadas como parte de um projeto comunicativo que reafirma sua origem e a importância de falar como se fala em sua terra. Essa postura demonstra que o influenciador não apenas se recusa a neutralizar sua linguagem, como também transforma seu modo de falar em ponto central de sua identidade pública.

Além disso, a resposta dos espectadores reforça a eficácia desse posicionamento. Os comentários dos vídeos analisados revelam um público que se identifica com a linguagem de Max, reconhecendo nela um espelho de suas próprias vivências culturais e linguísticas. Muitos comentam com afeto, riso e orgulho, destacando o quanto se sentem representados e compreendidos. Outros, mesmo não sendo nordestinos, demonstram curiosidade, respeito e acolhimento em relação às expressões apresentadas, evidenciando que a linguagem regional tem potencial de criar pontes e não barreiras.

Outro ponto importante observado foi o papel educativo que os vídeos de Max assumem de maneira espontânea. Ao explicar o significado de termos populares e narrar situações cotidianas com linguagem carregada de regionalismos, o influenciador transforma a

experiência linguística em conteúdo formativo, promovendo uma escuta ativa e contribuindo para o reconhecimento de formas de fala muitas vezes invisibilizadas. Essa mediação entre a linguagem popular e o espaço público das redes sociais se revela como uma poderosa estratégia de inclusão simbólica.

No terceiro vídeo analisado, a narrativa da tentativa de apagamento do sotaque por parte de uma figura pública carioca trouxe à tona uma discussão ainda mais profunda sobre os efeitos do preconceito linguístico. A recusa de Max em se submeter à padronização demonstra que o sotaque não é apenas som, mas pertencimento. Sua resposta ressoa fortemente nos comentários, onde muitos usuários compartilham experiências semelhantes e celebram a defesa da própria voz como um direito inalienável. O sotaque nordestino, nesse contexto, aparece como expressão de autonomia e resistência.

Dessa forma, os resultados alcançados com esta pesquisa confirmam que a linguagem regional pode ser um instrumento político e afetivo de grande relevância, especialmente quando inserida em contextos midiáticos amplos e acessíveis. Max Petterson não apenas representa uma figura de sucesso nas redes sociais, mas também simboliza um movimento maior de revalorização das falas populares e de afirmação da diversidade linguística brasileira, contribuindo para o fortalecimento de um discurso que celebra a multiplicidade de vozes existentes no país.

Conclui-se, portanto, que o uso das expressões idiomáticas e gírias nordestinas por Max Petterson não é apenas uma escolha estética ou humorística, mas um gesto de resistência e de afirmação cultural. Sua atuação como influenciador revela que é possível ocupar espaços de visibilidade mantendo a autenticidade linguística, promovendo, assim, um processo de reconhecimento social que vai além do entretenimento e alcança o campo da cidadania linguística e da construção simbólica de identidades plurais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CRUZ, Adriano. **Dicionário de comunicação**. 1. ed. 2024.
- DE ARAUJO, Leandro Silveira. A variação e a mudança linguísticas pela sociolinguística: pressupostos para o estudo da língua em uso. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 11, n. 1, jan./jul. 2019.
- DE SANTANA LIMA, Fábio Ronne. Migrantes internos: o reconhecimento da variação linguística e os desafios interculturais. **Revista Letras Raras**, v. 11, n. 2, p. 10-40, 2022.
- DOS SANTOS, Robervaldo Correia; MOTA, Jacyra Andrade. Variação diatópica do /l/ pós-vocálico em comunidades baianas. **Web Revista Sociodialeto**, v. 10, n. 30, ser. 2, p. 261-276, 2020.
- FREITAS, Jéssica Rodrigues Lacerda de. **Preconceito linguístico: reflexões sobre o papel docente na práxis educativa**. 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GRIEGER, J. D.; BOTELHO-FRANCISCO, R. E. Um estudo sobre influenciadores digitais: comportamento digital e identidade em torno de marcas de moda e beleza em redes sociais online. **AtoZ: Novas práticas em informação e conhecimento**, v. 8, n. 1, p. 39–42, 2019.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- OLIVEIRA, Alexsandro. **Identidade linguística x acomodação: a influência sobre os influenciadores digitais**. 2021.

OLIVEIRA, Ana Cláudia; SANTOS, Eduardo Antônio Borges dos; NASCIMENTO, Silvania Aparecida Alvarenga. Variação linguística no Brasil: revisitando os conceitos e refletindo sobre suas abordagens. Ícone: **Revista de Letras**, v. 22, n. 1, 2022.

OLIVEIRA, Caio César Dias. **O fenômeno dos influenciadores digitais: razões e impactos do estabelecimento das web celebridades**. 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas: Pontes, 2021.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAZKY, Abdelhak et al. **Variação e Diversidade Linguística**. ANAIS do VII SERGEL – VII Seminário Regional de Geossociolinguística. Belém: UFPA/Faculdade de Letras, 2019. 126 p.

REISA, Jhuly Emiliana Froes. O ensino de variação linguística através das mídias sociais. **Open Science Research**, v. XIII, 2023.

SANTOS, Josefa Maria dos et al. **Nordestino é... análises das discursivizações sobre os nordestinos nas redes sociais digitais**. 2020.

SILVA, José Mariano Cavalcante. **Preconceito linguístico: fenômenos sociolinguísticos**. 2022.

SILVA, Luana; SILVA, Lucimara. Preconceito linguístico e xenofobia em relação ao uso não padrão da língua portuguesa nas mídias sociais. **Revista Gatilho**, v. 27, 2024.

SOUSA, Julienni Lopes de; LIMA, Luana Nunes Martins de. Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geraldinho. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 63-82, 2019.

YOUTUBE. **A única coisa que me restou de onde eu sou é o meu sotaque**. Max Petterson Monteiro. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/P1j5N5ocJQw>. Acesso em: 13 de jun. 2025.

YOUTUBE. **Quase um dicionário nordestino**. Max Petterson Monteiro. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FPRww9AAHYQ>. Acesso em: 13 de jun. 2025.

YOUTUBE. **Sobre o verão em Paris**. Max Petterson Monteiro. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N-6Y17xB9aw>. Acesso em: 13 de jun. 2025.